



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

JORDANA KELLY BELARMINO DA SILVA

**A PRODUÇÃO BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO: Um panorama temático e quantitativo dos anos de 2012 a 2016.**

JOÃO PESSOA

2017

JORDANA KELLY BELARMINO DA SILVA

**A PRODUÇÃO BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO: Um panorama temático e quantitativo dos anos de 2012 a 2016.**

*Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia do Departamento de
Ciência da Informação da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial
para obtenção do Título de Bacharel em
Biblioteconomia.*

*Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marynice de
Medeiros Autran.*

JOÃO PESSOA

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA).

Silva, Jordana Kelly Belarmino da.

A PRODUÇÃO BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Um panorama temático e quantitativo dos anos de 2012 a 2016. / Jordana Kelly Belarmino da Silva. - João Pessoa, 2017.

66 f.:il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Marynice de Medeiros Autran.

1. Produção em Ciência da Informação. 2. Ciência da Informação. 3. Bibliometria. I. Título.

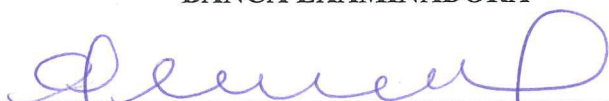
BSE-CCSA

CDU 02

JORDANA KELLY BELARMINO DA SILVA

**A PRODUÇÃO BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO: Um panorama temático e quantitativo dos anos de 2012 a 2016.**

BANCA EXAMINADORA



Professora Dra. Marynice de Medeiros Matos Autran
Orientadora



Professora Dra. Eliane Bezerra Paiva.
Membro

Professora Ms. Ana Roberta Souza Mota
Membro

Aprovada em: 16 / 06 / 2017.

DEDICATÓRIA

A Deus, meus pais, familiares, amigos e professores. Dedico!

AGRADECIMENTOS

Em cada etapa da vida existem momentos que o compartilhamento de sentimentos tornam-se essenciais. Neste momento o sentimento que quero expressar chama-se gratidão. Como é bom chegar a esta data e perceber que mais um sonho se concretiza e que durante esse espaço de tempo tivemos a companhia e ajuda de pessoas que direta e indiretamente nos estenderam as mãos sem medir esforços para nos ajudar.

O dom da vida, a sabedoria, a paciência, a inteligência, a coragem para enfrentar as dificuldades, livramentos, a oportunidade de chegar aqui, e poder vivenciar este sonho e dentre tantas outras coisas que foram notáveis até o presente momento devo a Deus, à Ele toda minha gratidão.

Aos meus pais, José e Ana, muito obrigada por todo esforço, dedicação, cuidado, entusiasmo, compreensão, quero dizer-lhes que esta conquista não é só minha, só cheguei até aqui por que de certa forma vocês sempre estiveram ao meu lado me auxiliando em todos os momentos.

Aos meus irmãos, Deivid e Gabriel, muito obrigado por tudo, vocês também contribuíram para que este momento se realizasse em minha vida.

Aos familiares, aos de perto e também aos que de longe acompanharam minha trajetória, e que nas oportunidades que tiveram me dedicaram palavras de entusiasmo, e compreensão nestes dias nos quais estive ausente para construção deste trabalho, obrigada!

Aos amigos e colegas, os nossos momentos ficaram eternizados, desta vez não em singelas folhas de um livro qualquer, mas na memória, lugar onde perdurará nossas melhores lembranças, não só de momentos bons que compartilhamos, mas também daqueles que pareciam que nunca iríamos conseguir atravessar, e a verdade é que conseguimos, estamos aqui, desta vez como bibliotecários, valeu a companhia durante esses anos.

À Universidade, e aos professores muito obrigado pelo compartilhamento de conhecimentos, a convivência durante o espaço de tempo que estivemos juntos foi proveitosa, o que somos reflete um pouco de vocês, afinal contribuíram notavelmente com a nossa formação acadêmica.

À minha orientadora a professora Dra. Marynice de Medeiros Autran, meus singelos agradecimentos, por ter aceitado o desafio de me orientar. Fico imensamente agradecida e satisfeita pelos momentos de atenção a mim estendidos, agradeço pela paciência, compreensão, enfim por tudo, tanto durante as suas aulas que tive o prazer de assistir, quanto nesses momentos de orientação para construção deste trabalho. Obrigada!

Aos professores da banca, responsáveis pela minha avaliação, obrigado por ter aceito esse desafio.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação e construção deste trabalho, o meu muito obrigada.

A evolução dos estudos em produção científica, assim, assistiu à conversão da bibliometria, de um campo de pesquisa, em técnica – uma técnica útil, que deve ser adotada em conjunto com métodos qualitativos fornecidos pelas ciências sociais. (ARAÚJO, 2006)

RESUMO

A produção nas diversas áreas do conhecimento é crescente nos últimos anos. Diante desta perspectiva a presente pesquisa apresenta um panorama quantitativo e temático da produção da Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil no tocante a teses e dissertações (dos cursos de mestrado acadêmico) no período que corresponde aos anos de 2012 a 2016, em âmbito nacional. Objetiva analisar a produção brasileira de Teses e Dissertações em Ciência da Informação no período de 2012 à 2016. Para categorizar as temáticas das teses e dissertações foram utilizadas as ementas dos Grupos de Trabalho da ANCIB. A coleta de dados foi realizada nas Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações (BDTD's), que fazem parte do Instituto Brasileiro em Ciência e Tecnologia (IBICT), no Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE), nos Repositórios Institucionais e nos portais eletrônicos dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação e na Plataforma Sucupira. Como resultado, foram recuperados 1183 documentos, sendo 291 teses e 892 dissertações. As áreas Gestão da Informação e do Conhecimento e Organização e Representação da Informação são as que têm o maior número de teses e dissertações em nível nacional. Em contra partida, a área Informação e Saúde é a menos explorada. Os resultados demonstram a região sudeste como a detentora do maior número de teses e dissertações, (601) o que representa mais de 50% da produção nacional.

Palavras-chave: Produção científica em Ciência da Informação. Teses e Dissertações. Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Bibliometria.

ABSTRACT

THE BRAZILIAN PRODUCTION OF THESIS AND DISSERTATION IN INFORMATION SCIENCE: A thematic and quantitative panorama of the years 2012 to 2016

Scientific production in the diverse areas of knowledge is growing in recent years. In view of this perspective, this research has sought to present a quantitative and thematic panorama of the pos-graduation in information science in Brazil as regards theses and dissertations (of the Academic Master courses) in the period that corresponds to the years of 2012 to 2016, in the national context. I proposed as objective: to analyze the Brazilian production of theses and dissertations in information science in the period from 2012 to 2016. To categorize the subjects of theses and sets were used the menus of ANCIB working groups. The data collection was carried out in the digital libraries of theses and dissertations (BDTD's), that are part of the Brazilian Institute in Science and Technology (IBICT), in the electronic publishing system of theses and dissertations (you), in the institutional repositories, in the electronic portals of the graduate programs in information science and the platform to the termite. As a result, 1183 documents were recovered, 291 theses and 892 dissertations. The thematic management of information and knowledge and organization and representation of information are the ones that have the largest number of theses and dissertation at national level. The results demonstrate the Southeast region as the holder of the largest number of theses and dissertation, (601) representing more than 50% of total production.

Keywords: Scientific production in Information Science. Theses and Dissertations. Undergraduate Programs of Information Science. Bibliometrics.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produção em Ciência da Informação no Brasil – 2012 a 2016.....	46
Gráfico 2 – Produção de teses e dissertações por região.....	49
Gráfico 3 – Percentual das temáticas pesquisadas.....	54
Gráfico 4 – Percentual das temáticas das teses e dissertações - região sudeste.....	56
Gráfico 5 – Percentual das temáticas das teses e dissertações - região nordeste.....	57
Gráfico 6 – Percentual das temáticas das teses e dissertações - região centro-oeste	58
Gráfico 7 – Percentual das temáticas das teses e dissertações - região sul	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Total de Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil ..	27
Quadro 2 – Totais de curso de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil	28
Quadro 3 – Benefícios proporcionados com a adoção de repositórios institucionais	32
Quadro 4 – Quantitativo de documentos dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação de 2012 a 2016.....	44
Quadro 5 – Quantitativo da produção em Ciência da Informação por regiões brasileiras...	48
Quadro 6 – Ementas dos Grupos de Trabalho da ANCIB.....	50
Quadro 7 – Teses e dissertações por temáticas e por PPGCI.....	53
Quadro 8 – Produção de teses e dissertações por tema e por região.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALEMPLUS – Acesso Livre em Países Lusófonos.

ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Infomação.

ASIS – American Society for Information Science.

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Bireme – Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.

BOAI – Budapest Open Access Initiative

CI – Ciência da Informação.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

EAGLE – European Association for Grey Literature Explotation.

FINEP – Financiadora de Estudos e Pesquisas.

GREYNET – Grey Literature Network Service.

GT – Grupos de Trabalho.

IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação.

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

LC – Literatura cinzenta.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

LISA – Library and Information Science Abstracts.

Mtd-Br – Padrão Brasileiro de Metadados de Teses e Dissertações.

NDLTD – Networked Digital Library of Theses and Dissertation.

OA – Open Access.

OAI – Open Archives Initiative.

PPGCI – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação.

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RD's – Repositórios Digitais.

SIGLE – System for Information on Grey Literature in Europe.

TEDE – Sistema Eletrônico de Publicações de Teses e Dissertações.

UCB – Universidade Católica de Brasília.

UEL – Universidade Estadual de Londrina.

UFBA – Universidade Federal da Bahia.

UFC – Universidade Federal do Ceará.

UFF – Universidade Federal Fluminense.

UFPB – Universidade Federal da Paraíba.

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

UNB – Universidade de Brasília.

UNESP – Universidade Estadual de São Paulo.

USP – Universidade de São Paulo.

WWW – Word Wide Web.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	18
2.1	Trajetória da Pesquisa Científica.....	21
2.2	Comunidade Científica.....	23
2.3	Produção em Ciência da Informação no Brasil.....	24
3	PANORAMA DO ACESSO ABERTO.....	29
3.1	Acesso Aberto no Brasil.....	30
3.2	Repositórios: Estratégias da Via Verde.....	31
3.2.1	<i>Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)</i>	33
3.2.2	<i>Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE)</i>	36
4	LITERATURA CINZENTA.....	37
4.1	Características e tipologia da LC.....	38
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	40
5.1	Caracterização da pesquisa.....	40
5.2	<i>Locus</i> de pesquisa.....	41
5.3	Universo da pesquisa.....	41
5.4	Coleta de dados.....	41
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	43
6.1	Teses e dissertações produzidas pelos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação.....	43
6.1.1	<i>Produção de teses e dissertações por regiões</i>	47
6.2	Temáticas das Teses e Dissertações.....	49
6.2.1	<i>Temáticas da Ciência da Informação a nível nacional</i>	54
6.2.2	<i>Temáticas das teses e dissertações por regiões</i>	55
6.2.2.1	Temáticas das dissertações e teses - região sudeste.....	55
6.2.2.2	Temáticas das dissertações e teses - região nordeste.....	57
6.2.2.3	Temáticas das dissertações e teses – região centro-oeste.....	58
6.2.2.4	Temáticas das dissertações e teses - região sul.....	59
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) é uma ciência social, nascida na década de 50 do século XX, cujo objeto de estudo é a informação. Conforme observa Autran (2015, p. 107), ao se referir ao estágio atual da CI, enfatiza: “Em se tratando de uma ciência em maturação, carente de uma identidade própria, definida, a CI permeia as mais diversas áreas do conhecimento em busca de constructos e fundamentos teóricos necessários à sua consolidação”. Constituindo-se uma ciência recente, portanto, um campo emergente, vem atraindo pesquisadores de múltiplas áreas, observando-se um aumento significativo da produção científica na área.

Nessa linha de raciocínio, Lourenço (1997, p.25) afirma que “a produção científica contribui para o desenvolvimento da ciência e abre novas perspectivas de pesquisa”.

Sabemos que as universidades, no Brasil, são o grande celeiro de desenvolvimento da ciência, tendo como consequência a geração de conhecimento, o qual se traduz como fruto da atividade científica. O resultado dessa atividade depende de um sistema de comunicação que precisa ser comunicada aos pares, ou seja, a comunidade científica. Nessa perspectiva, a comunicação científica, conforme ressalta (Meadows, 1999) constitui o coração da ciência, pois é através dela que se assegura a legitimação e disseminação do conhecimento.

Não foge à regra a produção científica em CI, como observa Vechiato:

[...] a produção científica em Ciência da Informação busca, por um lado, potencializar as possibilidades de organização, representação e gestão da informação e do conhecimento e, por outro, possibilitar aos usuários, interagentes e/ou leitores potenciais e reais o acesso ao universo informacional e o uso da informação com autonomia, posicionamento crítico e responsabilidade, com vistas a uma sociedade da informação equitativa e transformadora. (VECHIATO, 2011)

Baseados nessa premissa, buscamos neste trabalho, conhecer o que é explorado nas dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIs) no Brasil, no período 2012 a 2016, pois, como observam Kobashi e Santos (2008) “[...] explorar as bases de dados de dissertações e teses produzidas no país, descrevê-las e produzir indicadores tem o sentido, portanto, de rememorar e reavaliar a atividade científica desenvolvida na universidade” (KOBASHI & SANTOS, 2008)

Ressaltamos que a motivação para desenvolver esta pesquisa deu-se no decorrer das aulas do curso de biblioteconomia, quando nos deparamos com a palavra bibliometria. A partir daí surgiram os questionamentos sobre o significado do termo e seu campo de estudo. Ao saber que se tratava de um indicador que mensura, entre outras coisas, a quantidade de documentos publicados em uma determinada área do conhecimento, sentimo-nos encorajadas para amadurecer essa temática, aliando-a à outras duas de nosso interesse, ou seja: a produção e comunicação científica.

Dessa forma, buscamos, com este trabalho, traçar um panorama quantitativo e temático das dissertações e teses defendidas nos programas brasileiros de pós-graduação em Ciência da Informação no período que corresponde aos anos de 2012 à 2016.

A curiosidade em saber quais as temáticas que estão sendo exploradas nas teses e dissertações em CI no Brasil, instigou-nos a levantar as questões norteadoras da presente pesquisa:

Quais as temáticas pesquisadas nas dissertações e teses no período de 2012 à 2016?

Quais os temas mais pesquisados? E quais aqueles que têm menor incidência?

Em termos regionais quais os temas mais pesquisados pelos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)?

Tomando como base essas perguntas, propomos o seguinte objetivo geral:

- Analisar a produção brasileira de teses e dissertações em Ciência da Informação defendidas nos PPGCIs brasileiros no período de 2012 à 2016.

Para responder a esse objetivo, o desdobramos nos objetivos específicos, que se seguem:

- Identificar a produção científica de teses e dissertações defendidas nos PPGCIs;
- Levantar as temáticas pesquisadas;
- Mensurar a produção, tanto a nível nacional, quanto regional;
- Verificar quais as temáticas mais exploradas;
- Apresentar as tendências temáticas por região.

Para cumprir com esses objetivos, buscaremos as informações nas plataformas *online* das Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações (BDTD's) do Instituto Brasileiro de

Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), nos Repositórios Institucionais das Universidades, no Sistema Eletrônico de Publicações de Teses e Dissertações (TEDE) e na Plataforma Sucupira.

O texto está estruturado em cinco seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção abordamos a Comunicação. O panorama do Acesso Aberto é mostrado na segunda seção e contempla: o Acesso Aberto no Brasil, os Repositórios Institucionais como estratégia da Via Verde, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE) e a Plataforma Sucupira.

A terceira seção é dedicada à Literatura Cinzenta e a quarta aos Procedimentos Metodológicos. Por fim, na quinta seção apresentamos a análise e os resultados obtidos na pesquisa.

Esperamos que este trabalho traga uma contribuição significativa para a Ciência da Informação, visto que vem revelar o conhecimento gerado pelos PPGCIs brasileiros no período analisado.

2 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A comunicação científica se constitui de um ponto importante dentro do âmbito da pesquisa, e diz respeito à transferência de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações e que se destinam aos especialistas em determinadas áreas do conhecimento. (BUENO, 2010)

(Meadows, 1999), relata que os gregos antigos foram os responsáveis pelas atividades de pesquisa e que tiveram impacto sobre a comunicação científica moderna.

No início, as atividades de comunicação científica eram feitas através da oralidade, quando os pesquisadores discutiam seus estudos, tendo como exemplo as discussões acadêmicas realizadas no Jardim do Academus, por volta dos séculos V e VI aC. Mais tarde, os estudos, além de gerarem debates, foram registrados em manuscritos, no intuito de serem preservadas as informações.

Por volta do século XV as universidades começaram a oferecer serviços de impressão com o objetivo de disseminar as pesquisas de maneira mais rápida e eficaz.

O advento da produção dos noticiários manuscritos e impressos surgidos no fim do século VI, que mais tarde evoluíram para os jornais, como afirma (Meadows, 1999), contribuíram para o surgimento das primeiras revistas científicas na segunda metade do século XVII.

Os periódicos científicos, surgidos na segunda metade do século XVII, tiveram como principal motivo a necessidade de comunicação, de modo eficiente, com uma clientela crescente interessada em novas realizações. (MEADOWS, 1999, p.7)

As pesquisas científicas podem ser comunicadas de várias maneiras, dentre elas destacam-se as mais importantes: a formal, “[...] com destaque para livros, periódicos, obras de referência em geral, relatórios técnicos, revisões de literatura, bibliografias de bibliografias etc” (TARGINO, 2000, p. 18), e a informal, “[...] em que a transferência da informação ocorre através de contatos interpessoais e quaisquer recursos destituídos de forma de formalismo, como reuniões científicas, participação em associações profissionais e colégios invisíveis” (TARGINO, 2000, p. 19). Congressos e conferências fazem parte dos canais de comunicação informal, que possuem em sua grande maioria trabalhos apresentados que fazem parte de novas pesquisas concluídas em tempos que antecedem as

apresentações. A disseminação de informações nestes locais acontece através de apresentações orais curtas, como também pela exposição de painéis contendo resumos de seus trabalhos.

A comunicação oral constitui um ponto importante no âmbito da comunicação científica. As fontes informais de comunicação funcionam como complemento à comunicação formal. Mesmo sendo de vital importância, a comunicação oral apresenta pontos desfavoráveis como citado por Meadows, sendo um canal limitado, comparado aos canais de comunicação formais. Em contrapartida, as informações registradas são preservadas, podendo ser retomadas quando necessário.

Os colégios invisíveis também fazem parte do sistema de comunicação científica informal, de forma que grandes e pequenos grupos de pesquisadores de diferentes lugares participam de comunidades que têm interesses comuns.

A comunicação científica produz a literatura científica. Baseados em (Mueller, 2009), entendemos literatura científica como o *corpus* que abarca a documentação dos trabalhos que os cientistas produziram.

É por intermédio da divulgação, através dos canais de comunicação científica que as publicações disseminam a ciência, ou seja, é a partir da divulgação que o saber científico passa a fazer parte do arcabouço da ciência. Nessa perspectiva, entendemos a ciência como atividade cumulativa, uma vez que os pesquisadores precisam basear-se nas ideias dos especialistas que os antecederam.

Kaplan e Storer citados por (Mueller, 2009), elencam sete funções que devem ser cumpridas pela comunicação científica: ela fornece respostas a perguntas específicas; ajuda o cientista a se manter informado sobre as novidades e desenvolvimento de campo de interesse; ajuda o cientista a entender um novo campo de interesse; expõe as principais tendências de um campo novo de interesse; dá ao cientista uma nova importância de seu próprio trabalho; verifica a confiabilidade da informação pela adição de mais testemunhos; redireciona ou expande o leque de seu interesse; e por último, obtém respostas críticas ao seu próprio trabalho.

O fazer ciência constitui um papel importante para que esse conhecimento possa ser compartilhado, revisto e contestado ou legitimado pelos pares. Isso faz com que as pesquisas e descobertas existentes no passado dêem subsídios para que novas pesquisas

surjam no decorrer dos anos, assim como as pesquisas realizadas na atualidade darão suporte para a nova geração de pesquisadores que está surgindo.

Autores como Ziman (1979), Meadows (1999), Bufrem (2007) entre outros, são unânimes em afirmar que os resultados das pesquisas só se tornam conhecimento após sua publicação, o que significa que a publicação científica é o combustível que acelera o motor da produção do conhecimento. Diante disso, verificamos a necessidade de comunicar os resultados da pesquisa, pois sem comunicação estas seriam inúteis, visto que outros pesquisadores não teriam conhecimento e os resultados não seriam alvo de críticas, ou seja, confirmados ou contestados pela comunidade científica, propiciando através desse processo a confiabilidade dos resultados das pesquisas. Nessa perspectiva, afirma Bueno que:

A comunicação científica visa, basicamente, à disseminação de informações especializadas entre os pares, com o intuito de tornar conhecidos, na comunidade científica, os avanços obtidos (resultados de pesquisas, relatos de experiências, etc.) em áreas específicas ou à elaboração de novas teorias ou refinamento das existentes (BUENO, 2010, p. 5)

Dentre os vários tipos de suportes que veiculam a informação, o mais importante, na ciência, é o periódico científico, segundo (Meadows, 1999). Os primeiros periódicos surgiram na França (Journal des Sçavan) patrocinado pela Académie Royale des Sciences de Paris e na Inglaterra (Philosophical Transactions) pela Royal Society of London, ambos em 1665. Dava-se início a uma nova modalidade de canal de comunicação da ciência.

A partir do século XVIII, ocorreu um considerável incremento no número de títulos publicados. Paralelamente aos periódicos editados pelas academias/sociedades, como observa Nelles (2004), outros títulos foram lançados por entidades privadas.

Com o surgimento dos computadores na década de 1940, a comunicação científica adentrou um patamar de mudanças. Meadows ressalta que os computadores trouxeram duas vantagens notáveis: o armazenamento de quantidades enormes de informações e a ordenação de ambas em curto espaço de tempo.

A partir da segunda metade do século XX começaram a crescer o número de bases de dados eletrônicas, sendo de suma importância a intervenção de profissionais da informação na escolha das bases de dados indicadas para pesquisa, visto que os usuários

desses canais informacionais já possuíam experiência quanto à recuperação das informações que necessitavam.

Sob a ótica da comunicação científica, com a emergência dos computadores o processamento de informações secundárias transcedeu o âmbito das informações primárias, com isso Meadows (1999) cita três fatores que explicam este fato:

- a) Os recursos dos próprios computadores;
- b) As diferenças quanto à natureza das publicações primárias e secundárias;
- c) E as diferenças quanto ao modo como os pesquisadores lidam com esses dois tipos de publicação.

Hurd (2000) considera que o computador pessoal e a *World Wide Web* são os agentes catalisadores das profundas transformações na forma de comunicação dos investigadores e no modelo analógico de comunicação da ciência, sobretudo no periódico científico, canal este considerado durante séculos mecanismo-chave de publicação da ciência. Para o cenário que se avizinha Hurd (2000) projeta um modelo de comunicação científica para o ano 2020. Neste são contemplados tanto os recursos tradicionais quanto os emergentes, isto é, a tecnologia transforma os formatos impressos em digitais e cria novos recursos baseados em mídia eletrônica, a exemplo dos portais de periódicos e bases de dados especializadas – produtos das novas tecnologias – canais consideráveis de divulgação e disseminação das informações científicas, proporcionando o acesso e disponibilizando os conteúdos integrais da produção científica brasileira e mundial dos últimos anos.

Bueno (2010) explana dois níveis da comunicação científica: intrapares e extrapares. O nível intrapares da comunicação científica apresenta o fluxo informacional em ciência, tecnologia e inovação entre cientistas do mesmo campo de estudo ou que sejam interrelacionados. Por sua vez a comunicação extrapares diz respeito a troca e disseminação de informações entre especialistas distintos nas suas respectivas áreas de estudo, dando ênfase a uma abordagem multidisciplinar.

2.1 Trajetória da Pesquisa Científica

Embora em vários países a trajetória da pesquisa científica tenha sido notável ao longo dos séculos, relatos comprovam que foi a partir da introdução na universidade de

Berlim, na Alemanha no século XIX, que se constituiu um modelo que influenciou todos os países. (SCHWARTZMAN, 2001)

Através da implantação do sistema de ensino na Alemanha se deu o pontapé inicial para o ensino voltado à pesquisa científica. Os alunos desse sistema de ensino que demonstravam interesse para a vida acadêmica tinham como pressuposto a iniciativa de integrar-se aos programas de pesquisa, com a responsabilidade de aprender habilidades dentro da pesquisa científica.

Com o passar dos anos as universidades norte-americanas introduziram a pesquisa em seus sistemas de ensino, aliando a pesquisa ao ensino, criando os cursos de pós-graduação. Com isso, as atividades de pesquisa passaram a ser reconhecidas como profissão, e a ocupar lugar de destaque dentro das universidades.

Em contra partida na Europa os cursos de doutorado se constituíam como uma forma de avaliação para a carreira de docentes dos doutores e especialistas, sem nenhuma ligação com atividades de pesquisa.

Seguindo a linha de formação acadêmica da Europa, Portugal trouxe para o Brasil as heranças educacionais que, embora consideradas vagarosas, puderam ao longo dos anos se instalar no Brasil, com a criação das universidades na primeira metade do século XIX.

Embora tenham sido encontrados registros de instituições de pesquisas criadas no Brasil em 1772, Schwartzman (2001) ressalta que apenas em 1797 foi instalada a primeira instituição oficial de pesquisa no Brasil, situada na cidade de Belém, localizada no estado do Pará, com o objetivo de estudar as plantas dessa respectiva região, através da criação de um jardim botânico.

A pesquisa no Brasil percorreu uma trajetória de estudos focados na botânica, mineração e geologia, mais tarde adentrando nos campos da biologia e medicina, mas foram nas áreas das ciências relacionadas à física e à biologia que surgiram as primeiras atividades de pesquisa científica no Brasil.

A pesquisa em sua gênese contava com pesquisadores que exerciam o ato sem participar de grupos de pesquisas, com isso detinham para si os méritos totais. A partir do século XX as atividades de pesquisa em grupos orientados começaram a se desenvolver, suas justificativas encontram-se no crescimento e especialização da pesquisa, como cita Meadows (1999).

As atividades de pesquisa em grupo disponibilizam diversas vantagens no âmbito da comunicação científica formal e informal, na medida em que jovens pesquisadores se tornam membros de grupos de pesquisa liderados por pesquisadores experientes. Os mesmos tendem, tanto a absorver conhecimento através das discussões realizadas no decorrer da pesquisa, quanto adquirir crescimento na comunidade científica por ser sujeito ativo-participante na publicação de resultados de pesquisa.

2.2 Comunidade científica

Pesquisadores que se ocupam em desenvolver estudos em específicas áreas do conhecimento formam uma comunidade científica. Entre os membros de uma comunidade científica sempre há respeito mútuo entre os pares e a preocupação com a formação de futuros pesquisadores dentro da área científica.

As comunidades científicas seguem estruturas formais e informais para dar suporte a suas organizações, visto que alguns participam de uma mesma sociedade científica, enquanto pesquisadores de distintas universidades e instituições de pesquisas podem participar de uma mesma comunidade científica através dos colégios invisíveis.

Na perspectiva de Schwartzman (2001) uma comunidade científica pode ser entendida como

Um grupo de indivíduos que compartilham valores e atitudes científicas, e que se interrelacionam por meio das instituições científicas a que pertencem. Diz-se que uma comunidade científica é formada por indivíduos que têm em comum habilitações, conhecimentos e premissas tácitas sobre algum campo específico do saber. (SCHWARTZMAN, 2001, p. 23)

Assim como as organizações, as comunidades científicas adotam métodos de aceitação para a inclusão de novos pesquisadores. Ao estudar o comportamento dos cientistas Merton (1973) citado por Autran (2015, p. 108) explora o que os motiva, recompensa e intimida e estabelece as regras de comportamento ou regras mertonianas que compõem o *ethos* científico, as quais se dividem em quatro imperativos que regulam as comunidades científicas: Universalismo - a produção científica deve ser avaliada de acordo com os rigores da ciência, independentemente da autoria, raça, nacionalidade ou religião e o reconhecimento e recompensa dos cientistas estão condicionados ao mérito e contribuição para a ciência; Comunalismo – o conhecimento produzido deve ser público, compartilhado,

uma vez que é produto da comunidade científica; Desinteresse – o progresso científico está acima de qualquer vantagem ou benefício pessoal. A legitimação pelos pares está acima de qualquer outra recompensa; Ceticismo organizado ou sistemático - toda alegação requer veracidade, por isso devem ser testadas e validadas pelos pares observando os rigores do método científico.

Um dos problemas encontrados dentro da comunidade científica está relacionado ao mérito, a autoridade e prestígio que recebem. O reconhecimento pelos pares é considerado um dos méritos existentes na comunidade científica, em seus escritos Mueller (2009), cita a publicação de artigos em periódicos, medalhas de honra ao mérito científico, títulos honoríficos, aponímia e até o alcance do prêmio Nobel.

2.3 A produção em Ciência da Informação no Brasil

As atividades de produção em Ciência da Informação no Brasil em seus primórdios tiveram forte influência do Estado, por meio dos órgãos destinados à gestão, cultura e educação do país. Em 1950, com a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que 20 anos mais tarde passou a se chamar Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), tinha como objetivo, desde então, desenvolver através do Estado, políticas voltadas à informação científica e tecnológica no Brasil.

De acordo com Marteleto (2009), foi instituído em 1970, através do IBBB, o primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação, que contou com professores-pesquisadores norte-americanos e ingleses, os quais foram responsáveis pela formação dos novos professores de cursos de pós-graduação.

Marteleto (2009) ressalta que, no Brasil, destacam-se dois tipos de pesquisa no campo da CI: os pesquisadores que estão na academia e produzem nas instituições de ensino e programas de pós-graduações, e aqueles que trabalham em sistemas de informação especializados, na gestão e práticas de informação, nas áreas de educação, saúde, agricultura, produção de petróleo, energia nuclear, entre outras áreas.

Dentro das duas vertentes relacionadas à pesquisa realizada no país, destacamos a produção na academia, através dos programas de pós-graduação, constituídos como os de maior relevância para a pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.

De acordo com o IBICT (2017), a atividade de pesquisa orienta e conduz os programas de Pós-Graduação, de Pós-Doutorado e de Iniciação Científica. Além disso, contribui para o desenvolvimento de produtos e serviços em Ciência da Informação, num processo de retroalimentação entre a investigação científica e a atividade técnica.

As instituições de ensino são as maiores detentoras da produção do conhecimento em Ciência da Informação no Brasil. Seguindo a mesma linha, os pesquisadores mais produtivos possuem vínculos com instituições de ensino e programas de pós-graduação. Silva e Pinheiro (2008), afirmam que a Ciência da Informação, no Brasil, é construída a partir dos estudos de pesquisadores que se dedicam ativamente às atividades de pesquisa e trabalham em colaboração, contribuindo para o crescimento, desenvolvimento e aprofundamento da área.

Os estudos em Ciência da Informação no Brasil nas últimas décadas, apresentam como característica a produção em colaboração com outros autores. Em sua grande maioria pesquisadores experientes publicam em parceria com seus orientandos – jovens pesquisadores – aos quais transmitem suas experiências para as novas gerações de pesquisadores em Ciência da Informação no Brasil.

A produção de Ciência da Informação no Brasil teve em seus primórdios, como afirma Ávila et al (2009), o seguimento temático voltada para a caracterização de fontes e recursos informacionais. Mais tarde, os estudos se voltaram para as práticas informacionais dos pesquisadores, seguidos pelos estudos do conceito de redes colaborativas de produção da ciência. A temática gestão da informação traz consigo um olhar para as fontes informacionais, suas características e processos de gestão, voltados para decisões. Seguindo-se os estudos voltados para cultura organizacional e ambientes de produção e uso da informação. A ênfase nas pesquisas sobre representação da informação voltados para recuperação e linguagens de representação de documentos, surgiram em decorrência da crescente necessidade de representação do conhecimento, além das temáticas voltadas para a necessidade e uso da informação, como estudos de usuários e comportamento informacional, tecnologia aliada à recuperação da informação, destacando-se o uso de hipertexto, ontologia, folksonomia e interfaces digitais. Os estudos métricos também alcançaram considerável evolução, através da cientometria e infometria.

Na contemporaneidade a Ciência da Informação busca aprimorar os aspectos relacionados à dimensão física – voltados para o estudo de documentos – e cognitiva – relacionada a subjetividade da informação – nas áreas contextuais e pragmáticas.

De acordo com a tabela de áreas do conhecimento da CAPES, a Ciência da Informação encontra-se dentro da área de Ciências Sociais Aplicadas, que se desdobra em Informação e Comunicação, tendo como subáreas: Teoria da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia; a Teoria da Informação se desmembra por sua vez dando lugar as temáticas de Teoria Geral da Informação, Processos da Comunicação e Representação da Informação; a área de Biblioteconomia corresponde a estudos voltados a temática de Teoria da Classificação, Métodos quantitativos - Bibliometria, Técnicas de recuperação da informação e processos de disseminação da informação; e por sua vez a Arquivologia se desdobra em Organização de arquivos.

A gênese da pós-graduação teve início com o Estatuto das Universidades Brasileiras, quando Francisco Campos, então Ministro da Educação e Saúde, sugeriu a implantação de cursos de pós-graduação seguindo o modelo europeu. Até então, o limite da escolarização se restringia à graduação (SANTOS, 2002). Seguindo-se esse modelo, criaram-se cursos na Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade de São Paulo (USP).

De acordo com Santos (2008), o termo “pós-graduação” só veio ser utilizado na década de 1940; contudo sua institucionalização só veio acontecer em 1965, através do Parecer Sucupira, que regulamentou as atividades de pós-graduação, admitindo-a como formação além do bacharelado. Dessa forma, o Parecer determinava as características dessa modalidade de cursos de pós-graduação: *lato sensu*, se referia aos cursos de aperfeiçoamento e especialização e *stricto sensu* ao mestrado e doutorado.

Em 1968, o governo reformou o sistema educacional brasileiro e instituiu a política nacional de pós-graduação, formalizando-a de acordo com a Lei n.º 5.540/68, da Reforma Universitária, em complementação à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2012).

Atualmente existem no Brasil 23 programas de pós-graduação em Ciência da Informação, sendo quatro mestrados acadêmicos, oito mestrados profissionais e 11 mestrados e doutorados, perfazendo um total de 33 cursos, especificamente: 15 mestrados

acadêmicos, 10 doutorados e oito mestrados profissionais. (PLATAFORMA SUCUPIRA, Capes,2017)

Nos Quadros 1 e 2, podemos visualizar a quantidade de programas e cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, bem como a instituição responsável e sua localização.

Observamos no Quadro 1 os mestrados profissionais existentes, mas que não foram contemplados nesta pesquisa: Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal de Sergipe, Universidade de São Paulo, Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade Federal do Cariri, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Quadro 1: Total de Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil

Instituição de Ensino	UF	Total	Mestrado Acadêmico	Doutorado	Mestrado Profissional	Mestrado e Doutorado
Fundação Casa Rui Barbosa	RJ	1	0	0	1	0
Fundação Univesidade Federal de Sergipe (FUF-SE)	SE	1	0	0	1	0
Universidade de Brasília (UNB)	DF	1	0	0	0	1
Universidade de São Paulo (USP)	SP	2	0	0	1	1
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	SC	1	0	0	1	0
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	PR	1	1	0	0	0
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)	SP	1	0	0	0	1
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	BA	1	0	0	0	1
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	PB	1	0	0	0	1
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	2	0	0	0	2
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	PE	1	0	0	0	1
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	1	0	0	0	1
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	SP	1	1	0	0	0
Universidade Federal do Cariri (UFCA)	CE	1	0	0	1	0
Universidade Federal do Ceará (UFC)	CE	1	1	0	0	0
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	RJ	2	0	0	2	0
Universidade Federal do Pará (UFPA)	PA	1	1	0	0	0
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	1	0	0	0	1
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	1	0	0	1	0
Universidade Federal Fluminense (UFF)	RJ	1	0	0	0	1
Total		23	4	0	8	11

Fonte: Plataforma Sucupira, Capes (2017)

Conforme explicado anteriormente, nos detemos neste trabalho apenas nos programas denominados acadêmicos, nomeadamente os seguintes PPGCIs: Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Rio de Janeiro/IBICT, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de São Paulo, Universidade de Brasília e Universidade Federal de Santa Catarina, todos detentores de programas que possuem mestrado e doutorado. Quanto aos programas que detêm apenas o mestrado acadêmico, consideramos existentes nas seguintes universidades: Universidade Federal Fluminense, Universidade de Londrina e Universidade Federal de Pernambuco.

Quadro 2: Total de cursos de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil

Instituição de Ensino	UF	Total	Mestrado Acadêmico	Doutorado	Mestrado Profissional
Fundação Casa Rui Barbosa	RJ	1	0	0	1
Fundação Universidade Federal de Sergipe (FUF-SE)	SE	1	0	0	1
Universidade de Brasília (UNB)	DF	2	1	1	0
Universidade de São Paulo (USP)	SP	3	1	1	1
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	SC	1	0	0	1
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	PR	1	1	0	0
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)	SP	2	1	1	0
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	BA	2	1	1	0
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	PB	2	1	1	0
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	4	2	2	0
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	PE	1	1	0	0
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	2	1	1	0
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	SP	1	1	0	0
Universidade Federal do Cariri (UFCA)	CE	1	0	0	1
Universidade Federal do Ceará (UFC)	CE	1	1	0	0
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UNIRIO)	RJ	2	0	0	2
Universidade Federal do Pará (UFPA)	PA	1	1	0	0
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	2	1	1	0
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	1	0	0	1
Universidade Federal Fluminense (UFF)	RJ	2	1	1	0
Total		33	15	10	8

Fonte: Plataforma Sucupira, Capes (2017)

3 PANORAMA DO ACESSO ABERTO

O preço exorbitante das assinaturas dos periódicos cobrado pelas editoras desencadearam a denominada “crise dos periódicos”, impedindo bibliotecas e pesquisadores de arcarem com os altos preços cobrados pelas editoras. Com isso, pesquisadores se reuniram com o intuito de criar uma estratégia para melhorar o acesso às publicações.

As iniciativas pioneiras em torno do Open Access conhecidas como 3Bs: Budapest Open Access Initiative (BOAI) (2002), Bethesda Statement on Open Access Publishing (2003) e Berlin Declaration on Open Access to Knowledge in the Sciences and Humanities (2003) estabeleceram a filosofia do acesso livre, alicerçando os pilares de um novo paradigma.

Este movimento teve expressão nos países lusófonos pelo compromisso do Minho (2006), que “incluiu signatários de Portugal, Brasil e Moçambique e a criação do ALEMPLUS (Acesso Livre em Países Lusófonos)” (RODRIGES; SARAIVA, 2013) e o Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica.

As estratégias apresentadas no evento seminal Budapest Open Access Initiative (BOAI) relacionadas ao acesso livre às publicações resultantes da pesquisa financiada com recursos públicos, recomendam que sejam criados mecanismos alternativos para publicação, como revistas de acesso aberto e repositórios institucionais ou temáticos, o que resultaria em um novo modelo de negócios, ou seja, a publicação a baixo custo através das instituições acadêmicas para fazer face aos altos custos praticados pelos editores comerciais (Friend, 2013).

De acordo com Autran (2014), essa estratégia, conhecida como via verde e via dourada não tem a intenção de coagir os autores a publicar em periódicos OA – estes continuam com a opção de publicar em seus periódicos favoritos-, mas de permitir que, ou pela via do autoarquivo em repositórios (via verde) ou pela publicação em revistas em OA (via dourada), a informação se torne livremente acessível.

Esses fatores contribuíram favoravelmente para a consolidação da filosofia do Open Access (OA).

3.1 Acesso Aberto no Brasil

As iniciativas de acesso aberto no Brasil datam do ano de 2003, quando o IBICT e vários outros programas foram desenvolvidos na perspectiva de promover o acesso aberto à produção da informação científica.

De acordo com Costa, Kuramoto e Leite (2013), o movimento de acesso aberto no Brasil se apoiou em duas abordagens: a sensibilização (*top down*) e a ação real (*bottom up*). A abordagem *top down* tratou da parte de sensibilização dos investidores do acesso aberto – executivos de universidades, as agências de fomento à pesquisa, e formuladores de políticas do governo – com o intuito de persuadir quanto a adoção de estratégias, metodologias e ferramentas de acesso aberto. Em contrapartida, a abordagem *bottom up* tratou da adoção propriamente dita, da qual constaram três pontos marcantes, a saber: a elaboração de políticas para os repositórios institucionais, criação dos repositórios e portais de periódicos científicos e serviços digitais em universidades brasileiras, e, por fim, a execução de treinamentos e capacitação de equipes nas instituições de ensino universitário no país.

A filosofia do acesso aberto no Brasil perdurou por cinco anos, etapas de conhecimento e persuasão. O Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Aberto a Informação Científica foi lançado em meados do ano de 2005 pelo IBICT, tendo como instituição parceira a Universidade de Brasília (UNB).

Ainda de acordo com Costa, Kuramoto e Leite (2013), participaram deste marco histórico a Academia Brasileira de Ciências e de sociedades científicas, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, além de pesquisadores, técnicos e cientistas da informação. Leite esclarece que:

O acesso aberto significa a disponibilização livre pública na internet, de forma a permitir a qualquer usuário a leitura, download, cópia, distribuição, impressão, busca ou criação de links para os textos completos dos artigos, bem como capturá-los para indexação ou utilizá-los para qualquer outro propósito legal. (LEITE, 2009, p. 15)

Complementando as ideias de acesso aberto, Maranhão (2016) afirma ser um movimento internacional que visa promover o acesso livre e irrestrito à literatura científica e acadêmica, favorecendo o aumento do impacto do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores e instituições, contribuindo, também para a reforma do sistema de comunicação científica.

3.2 Repositórios: Estratégias da Via Verde de Acesso Aberto

Os repositórios digitais (RDs) são bases de dados *online* que reúnem de maneira sistematizada a produção científica de uma instituição ou área temática. (IBICT, 2017)

Os repositórios digitais são responsáveis por disponibilizar o acesso livre aos resultados de pesquisas e propiciar a preservação das informações e da memória científica das instituições a que estão atreladas. Quanto à classificação, podem ser: temáticos, que tratam da produção temática de uma determinada área do conhecimento, e institucionais, que arquivam a produção científica de uma determinada instituição, ainda podendo ser classificados em agregadores e governamentais.

O movimento de acesso aberto objetiva através dos repositórios digitais promover a literatura científica por meio do acesso livre sem custos cobrados pelo acesso às bases de dados.

Em escala nacional o IBICT através do projeto IBICT-FINEP/PCAL/XBDB lançado em 2009, tendo a participação de 27 instituições e cinco do projeto piloto, proporcionou a aceleração do crescimento com a instauração de 40 repositórios institucionais localizados nas universidades e instituições de pesquisa. De acordo com o IBICT (2014):

Todo repositório institucional de acesso aberto pode ser considerado um tipo de biblioteca digital. Entretanto, nem toda biblioteca digital pode ser considerada um repositório institucional. Um repositório institucional de acesso aberto constitui um serviço de informação científica - em ambiente digital e interoperável - dedicado ao gerenciamento da produção científica e/ou acadêmica de uma instituição (universidades ou institutos de pesquisa). Contempla a reunião, armazenamento, organização, preservação, recuperação e, sobretudo, a ampla disseminação da informação científica produzida na instituição (IBICT, 2012).

Os repositórios institucionais são reponsáveis pela produção científica gerada pela instituição, não sendo aberta a agregação de dados provenientes de outras instituições, sendo este um dos pontos que os difere das bibliotecas digitais, seguidos do autoarquivamento. Os repositórios institucionais contemplam a reunião, armazenamento, organização, preservação, recuperação e disseminação da informação como afirma Leite *et al* (2009).

Com base nos estudos de Weenink *et al* (2008) e de Van Weijndhoven; Van Der Graaf (2007), Leite *et al* (2009), verificamos que os repositórios digitais podem se apresentar de três formas, como repositórios institucionais – que tratam da produção intelectual de uma instituição (universidades e centros de pesquisa), repositórios temáticos ou disciplinares – dedicam-se a produção intelectual de uma área do conhecimento em particular, repositórios de teses e dissertações – tratam exclusivamente de teses e dissertações.

Quanto aos tipos de abordagens os repositórios institucionais apresentam duas: a abordagem rígida – possui a responsabilidade de potencializar a comunicação científica formal; e a abordagem flexível, que permite a ampliação a sua destinação e considera a literatura científica avaliada por pares, como também de conteúdos de natureza acadêmico-científico produzidos por membros das instituições as quais o repositório está agregado, como afirma Leite *et al* (2009).

O repositórios permitem a preservação e o acesso aberto a conteúdos digitais, dentre eles: textos (artigos, relatórios, projetos, apresentações em eventos, etc.), imagens, conjuntos de dados, livros, teses, dissertações, programas de computador, publicações multimídia, notícias de jornais, bases de dados bibliográficas, arquivos de áudio e vídeo, coleções de bibliotecas digitais, páginas Web, entre outros.

De acordo com Leite *et al* (2009), são vários os benefícios que os repositórios proporcionam, não apenas à instituição, mas, também aos pesquisadores, administradores acadêmicos e comunidade científica. Esses benefícios, são mostrados no Quadro 3.

Quadro 3: Benefícios proporcionados com a adoção de repositórios institucionais

Benefícios adquiridos com a adoção de repositórios institucionais.				
Para pesquisadores	Para administradores acadêmicos	Para universidades	Para comunidade científica	
Aumenta a visibilidade de suas descobertas científicas.	Provê novas oportunidades para o arquivamento e preservação dos trabalhos em formato digital.	Favorece o uso e reuso de informações produzidas.	Contribui para a colaboração na pesquisa.	
Facilita o gerenciamento da produção científica.	Provê relatórios das atividades científicas.	Provê um ponto de referência para os trabalhos acadêmicos que podem ser interoperáveis com outros sistemas.	Contribui para o entendimento público das atividades e esforços de pesquisa.	
Oferece ambiente seguro em que os trabalhos são permanentemente	Facilita a pesquisa interdisciplinar.	Aumenta a visibilidade, reputação e prestígio da instituição.	Reduz custos associados com assinaturas de periódicos científicos.	

armazenados.			
Identifica os trabalhos científicos armazenados no repositório com um endereço simples e persistente.	Reduz a duplicação de registros e inconsistências em múltiplas instância do mesmo trabalho.	Facilita o gerenciamento dos direitos de propriedade intelectual da instituição.	Favorece a colaboração em escala global na medida em que se explicita resultados de pesquisa e põe autores em evidência.
Facilita o acesso aos conteúdos de materiais anteriormente disponíveis em meio impresso.	Reduz algumas atividades típicas da gestão de coleções digitais.	Reduz custos de gestão da informação científica.	
Diminui a possibilidade de plágios.		Provê um recurso de informação que serve como ferramenta de Marketing.	
Dissemina toda literatura cinzenta.		Contribui para o processo de avaliação das atividades de pesquisa.	
Oferece aos pesquisadores indicadores de impacto que os resultados de suas pesquisas adquirem nas áreas do conhecimento às quais pertencem.		Oferece flexibilidade e possibilidade de integração com outros sistemas de gestão e disseminação da produção científica institucional.	
Incentiva aos outros pesquisadores a disponibilizarem seus trabalhos.		Contribui para a missão e valorização da instituição.	
Melhora o entendimento sobre direitos autorais.			
Supre as demandas das agências de fomento em relação à disseminação de sua produção científica.			

Fonte: Dados obtidos através dos estudos de Leite, (2009).

Nesta pesquisa, voltamos nosso olhar para a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, uma vez que nosso alvo são as dissertações e teses defendidas nos PPGCIs brasileiros.

3.2.1 Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) tem como objetivo reunir as teses e dissertações defendidas em todo o país e por brasileiros no exterior. (IBICT, 2017). Conforme explana o IBICT:

Em 2001, o IBICT constitui um grupo de estudo para analisar questões tecnológicas e de conteúdo relacionadas com a publicação de teses e dissertações em texto integral na Internet. Fizeram parte desse grupo especialistas do próprio IBICT, do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), do Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Universidade de São Paulo (USP), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e consultores contratados pelo Instituto. (IBICT, 2017).

De acordo com o IBICT (2017), com os resultados obtidos através da pesquisa foi desenvolvido um projeto-piloto, tendo a participação da Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Que realizaram um projeto piloto e apresentaram uma amostra dos metadados utilizados nos seus repositórios institucionais de Teses e Dissertações. Após essa etapa, foi consolidado o padrão nacional de metadados, denominado Padrão Brasileiro de Metadados de Teses e Dissertações (Mtd-Br).

A BDTD utiliza o Novo Padrão Brasileiro de Metadados denominado MTD3-BR, o qual possui 38 metadados, sendo 18 obrigatórios e 20 opcionais. Essa nova proposta teve como base o esquema de metadados do Dublin Core, com adaptações para a realidade brasileira.

Sua criação data do ano de 2002, tendo como patrocinador a Financiadora de Estudos e Pesquisas (FINEP). De acordo com o IBICT, para a realização do projeto da BDTD foram definidas as seguintes linhas de pesquisa e atuação:

- Estudar experiências existentes, no Brasil e no exterior, de desenvolvimento de bibliotecas digitais de teses e dissertações;
- Desenvolver, em cooperação com membros da comunidade, um modelo para o sistema;
- Definir padrões de metadados e tecnologias a serem utilizadas pelo sistema;
- Absorver e adaptar as tecnologias a serem utilizadas na implementação do modelo;
- Desenvolver um Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações para atender àquelas instituições brasileiras de ensino e pesquisa que não possuíam sistemas automatizados para o armazenamento, organização, disseminação e preservação de suas teses e dissertações;
- Difundir os padrões e tecnologias adotadas para o gerenciamento de teses e dissertações e dar assistência técnica aos parceiros da Rede da BDTD.

A partir de 2003 foi concluída uma versão do Sistema de Publicação de Teses e Dissertações (TEDE), construído com intuito de dar suporte as instituições de ensino e pesquisa na instalação de suas bibliotecas digitais. Assim, foram escolhidas quatro instituições para testes: a Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal do Ceará (UFC), que culminou com resultados satisfatórios, tornando possível a implantação do sistema em todo o Brasil.

Ainda de acordo com o IBICT, a BDTD gerencia as teses e dissertações através de uma rede de sistemas de informação, que possui dois atores principais: o provedor de dados (*data providers*) que administra o depósito e publicação, expondo os metadados para a coleta automática (*harvesting*); e o provedor de serviços (*service providers*) que fornece serviços de informação com base nos metadados coletados junto aos provedores de dados.

A BDTD dispõe das tecnologias do Open Archives Initiative (OAI), e utiliza um padrão de interoperabilidade que une as bibliotecas digitais de teses e dissertações em uma única rede. Dentro desta rede o IBICT coleta os metadados das teses e dissertações, disponibilizadas pelas instituições de ensino e pesquisa que funcionam como provedores de dados.

Os metadados disponibilizados pelo IBICT são coletados pela Networked Digital Library of Theses and Dissertation (NDLTD), da Virginia Tech University (<http://www.ndltd.org>), que é uma biblioteca digital em rede de Teses e Dissertações, que funciona como uma organização internacional dedicada à promoção da adoção, criação, uso, disseminação e preservação de teses e dissertações eletrônicas. (NDLTD, 2017). Segundo o IBICT:

A BDTD opera em dois níveis de integração. Para instituições que já possuem um repositório de teses e dissertações usando tecnologia própria, o IBICT apóia tecnicamente na implementação do Protocolo OAI-PMH para que opere sobre o repositório local e gere registros de metadados em XML/mtd3-br. No caso das instituições que desejam implantar suas bibliotecas digitais e se integrar à BDTD, o IBICT desenvolveu o Sistema TEDE, disponível para *download* em <http://wiki.ibict.br/index.php/TEDE>. O sistema gera bibliotecas digitais de teses e dissertações institucionais. É distribuído pelo IBICT, gratuitamente, em um pacote contendo o Sistema TEDE, a metodologia de implantação, os manuais operacionais e de usuário, a documentação e treinamento. (IBICT, 2017).

Ao usuário é permitido realizar buscas simples ou avançadas, como também realizar a recuperação do documento resumido, ou leitura, *download* e impressão do arquivo completo da tese ou dissertação desejada.

3.2.2 O Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE)

O Sistema de Publicação de Teses e Dissertações (TEDE), criado em 2003 é mantido pelo IBICT, e possibilita a criação de Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertação (BDTD's) em instituições de ensino e pesquisa, além de sua interação à BDTD do IBICT.

Hoje o TEDE encontra-se atualizado, sendo utilizada uma nova versão denominada TEDE2, a qual é configurada na plataforma DSpace, com a interface JSPUI. De acordo com o IBICT, o sistema encontra-se configurado com o novo padrão de metadados da BDTD, havendo a possibilidade de interoperabilidade com diversos sistemas.

A customização do TEDE permite aos usuários a realização de configurações, modificações de *layout* e itens de desenvolvimento, dando suporte às adaptações das características distintas presentes nas teses e dissertações.

De acordo com o IBICT (2015), as customizações apresentam-se úteis não só para a tipologia documental restrita, mas para a comunidade geral de usuários do DSpace. Para tanto, definiu-se que as novas funcionalidades seriam organizadas em grupos, que poderiam dar origens a *plugins* do projeto original do DSpace.

4 LITERATURA CINZENTA

Além da literatura formal, divulgada através dos suportes tradicionais, existe outras formas de divulgação denominada Literatura Cinzenta (LC). De acordo com Funaro e Noronha (2006) esse grupo constitui uma “[...] literatura que se caracteriza como aquela de difícil acesso e aquisição, sem ter passado ou está regida por qualquer tipo de controle bibliográfico específico” (FUNARO; NORONHA, 2006, p.218).

Durante o pós-guerra, 1945-1960, e anos subsequentes, surgiram novas instituições de pesquisa impulsionando o desenvolvimento da LC. Tratava-se de comunicações cujo conteúdo temático enfatizava a transferência de tecnologia, a energia nuclear, a engenharia aeronáutica, ou seja, assuntos considerados estratégicos, não apenas para o desenvolvimento científico e tecnológico, mas, também, para a segurança nacional.

No período 1969-1970 surge o Informe Weinberg (Weinberg Report), chamando a atenção entre outras coisas, para a importância da literatura cinzenta “como difusora do conhecimento y meio de transferência de tecnologia”. (CARVALHO, 2001. p. 4 grifo da autora).

A década 1970-1980 se caracteriza pela preocupação em como administrar a LC. Além do processamento e recuperação, o objeto maior era a identificação e acesso a essa literatura.

Em 1978, foi realizado o Seminário de York, cujos resultados foram: o início da colaboração entre as bibliotecas européias e os centros de documentação e o reconhecimento e oficialização do termo Literatura Cinzenta. Alberani e Castro (2001), afirmam que, até a realização do Seminário de York, muitos dos participantes nunca haviam ouvido falar em Grey Literature. O termo apareceu pela primeira vez na lista de palavras-chave do LISA (Library and Information Science Abstracts) em 1976, não como uma palavra original, mas uma tradução de “*graue Literatur*”, um termo bastante antigo.

Assiste-se, na década 1980-1990, a criação do SIGLE (System for Information on Grey Literature in Europe) administrado pela EAGLE (European Association for Grey Literature Exploitation). Trata-se de um consórcio de bibliotecas e centros de documentação europeus que mantém uma base de dados multidisciplinar de documentos produzidos nos países membros. (CARVALHO, 2001).

A partir de 1990, com o surgimento da Internet, a Literatura Cinzenta experimentou um crescimento sem igual, pois os documentos eletrônicos vieram se juntar à diversidade de documentos considerados cinzentos. Ademais, as instituições do setor terciário dos países em desenvolvimento, passaram a ser grandes produtores de Literatura Cinzenta abordando as mais variadas temáticas.

Em 1992 foi fundado o Grey Literature Network Service, mais conhecida como GreyNet, cuja meta é facilitar o diálogo, a pesquisa e a comunicação entre as pessoas e organizações no campo de literatura cinzenta.

4.1 Características e tipologia da LC

Vários tipos de documento são considerados Literatura Cinzenta, dentre estes, destacam-se: Normas, Padrões, Patentes, Publicações Oficiais, Relatórios Técnicos, Anais de Eventos, Dissertações, Teses, etc. (FUNARO; NORONHA, 2006; ALMEIDA, 2000).

Esse tipo de literatura apresenta como características:

- a) Tiragem reduzida;
- b) Divulgação restrita;
- c) Dificuldade de acesso;
- d) Faculta informação que não está disponível;
- e) Divulga os resultados de conferências e de congressos de forma mais rápida que a literatura convencional que, em regra, está sujeita a processos de publicação mais demorada;
- f) Permite confirmar informação importante localizada noutras fontes;
- g) Não se encontra nos canais tradicionais de venda, ou seja, livrarias e editoras.

Sabemos que com as Tecnologias de Informação e Comunicação, as características da LC têm mudado, principalmente no que se refere ao acesso, haja vista a criação das bibliotecas digitais de teses e dissertações. Ressaltam Funaro; Noronha (2006, p.230) que há controvérsias de que “[...] o conceito de LC aplicado às teses está se tornando obsoleto”. Entretanto, defendem as autoras que a “[...] definição de LC não se modifica com a disponibilização via web, tendo em vista que, o conceito de LC é aplicado para publicações acadêmicas, governamentais, etc., e não para sua forma de disponibilização”.

Dentre a diversidade dessa tipologia, nos centraremos nas teses e dissertações, objeto de estudo desta pesquisa.

Observam Funaro; Noronha (2006, p.227) que “[...] as teses e dissertações são o tipo mais comum de tentativa de um controle bibliográfico mais efetivo”

Segundo Campello (2000) “[...] teses e dissertações são consideradas um tipo de Literatura Cinzenta no sentido de que não contam, na maioria dos casos, com um sistema de publicação e distribuição comercial” (CAMPELLO, 2000, p.124).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo retrata a trajetória metodológica percorrida. Iniciamos com a caracterização da pesquisa, seguidos pelos seguintes tópicos: *locus* e universo da pesquisa, seguindo-se a coleta e análise dos dados.

5.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa científica segundo Gil (2008), é definida como um processo racional e sistemático, cujo objetivo visa proporcionar respostas aos problemas propostos, seu desenvolvimento dá-se a partir de métodos, técnicas e procedimentos científicos.

Com relação aos objetivos a presente pesquisa apresenta-se como **descritiva**, porque objetiva descrever as características de um fenômeno e o estabelecimento de relações entre variáveis. (GIL, 2008, p. 42)

Com base nos procedimentos teóricos utilizados, caracteriza-se como uma pesquisa **bibliográfica**, pois fez-se uso de materiais bibliográficos já elaborados, como livros e periódicos além de publicações eletrônicas. Também é **documental**, porque foram trabalhadas fontes que ainda não receberam tratamento analítico.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, pois objetivou buscar nas bases de dados das Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações do Brasil (BDTD's), nos Programas de Pós-graduação, nos Repositórios Institucionais, no Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE) e na Plataforma Sucupira, a produção de teses e dissertações em Ciência da Informação, no quinquênio que corresponde aos anos de 2012 à 2016.

Diante dos dados obtidos foi efetuada uma análise para identificar as áreas dentro da Ciência da Informação que obtiveram maior incidência, traçando com isso um parâmetro da Ciência da Informação dentro dos programas de pós-graduação no Brasil nos últimos cinco anos. Sendo uma pesquisa descritiva, objetiva descrever e traçar as características das teses e dissertações.

Utilizamos o **método bibliométrico**, que segundo Silva, Hayashi e Hayashi (2011), se constitui em analisar a atividade científica ou técnica pelos estudos quantitativos das publicações, onde os dados quantitativos são calculados por intermédio de contagens estatísticas de publicações ou de elementos que reúnem uma série de técnicas estatísticas,

buscando quantificar os processos da comunicação científica. A análise bibliométrica é definida como um método flexível usado para avaliar a tipologia, a quantidade e a qualidade das fontes de informação citadas nas pesquisas, no qual os indicadores científicos das produções se constituem como sendo o produto destas análises.

5.2 Locus de pesquisa

Os locais de pesquisa utilizados para coleta de dados foram as Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações (BDTD's), parte integrante da BDTD, do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT), o Sistema de Publicação Eletrônico de Teses e Dissertações (TEDE), os Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, os Repositórios Institucionais das Universidades e a Plataforma Sucupira.

5.3 Universo da pesquisa

Dentro do universo pesquisado encontram-se os Programas de Pós-Graduação de Ciência da Informação no Brasil que oferecem os cursos de doutorado e mestrado acadêmico, a saber: PGCI da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), da Universidade de Brasília (UNB), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

De acordo com os resultados, foram recuperados 1183 documentos, sendo 291 teses e 892 dissertações, defendidas no período de 2012 à 2016, nos programas de pós-graduações em Ciência da Informação no Brasil. Das Universidades pesquisadas, cinco estão localizadas na região sudeste, três na região nordeste, uma na região centro-oeste, e duas na região sul do Brasil.

5.4 Coleta de dados

Realizamos a coleta de dados no primeiro trimestre de 2017 (janeiro a março), buscando levantar as teses e dissertações que foram defendidas no período de 2012 à 2016.

Nesse levantamento, consideramos os seguintes dados: autor, título, resumo, palavras-chave e data da defesa e instituição. Os dados coletos foram colocados em planilhas do editor de texto Microsoft Word, para posterior análise.

Com esses dados disponíveis, procedemos à leitura dos resumos, objetivando identificar os eixos temáticos. Para isto, utilizamos as ementas dos Grupos de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB) visto que se trata de uma sociedade civil, cuja finalidade é acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Desde sua criação se projeta como uma instância de representação científica e política importante para o debate das questões pertinentes à área de informação (Quadro 8).

Com o levantamento das temáticas realizado, buscamos identificar a melhor forma de apresentação dos resultados. Após vários testes, que a melhor solução seria a apresentação através de gráficos no Excel. Os resultados apresentados nesses gráficos dividem-se em: número de documentos (teses e dissertações) produzidos pelos Programas de Pós-graduação, e a quantidade de documentos por região.

Após a análise quantitativa dos documentos foi realizada a etapa de análise bibliométrica com o intuito de descrever as temáticas pesquisadas, em nível nacional e regional.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção contempla a análise dos dados e se divide em duas partes: a primeira, diz respeito à quantidade de documentos recuperados, os quais estão ordenados por programa de pós-graduação; a segunda, se refere às temáticas identificadas e ao volume de pesquisa realizada em cada área temática.

6.1 Teses e dissertações produzidas pelos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação

A coleta de dados realizada nas Bilbliotecas de Teses e Dissertações resultou na recuperação de 1183 documentos (dissertações e teses), correspondendo ao período de 2012 a 2016. Salientamos que, de acordo com a tipologia, identificamos 291 teses e 892 dissertações (Quadro 4).

De acordo com o levantamento realizado, o PPGCI-UEPB contabilizou o total de 119 documentos, sendo 11 teses e 108 dissertações. No PPGCI-UFPE, recuperamos 72 dissertações. Uma vez que o doutorado, neste programa, foi autorizado recentemente, não existe tese defendida. Por outro lado, no PPGCI-UFBA identificamos o total de 112 documentos, sendo 15 teses e 97 dissertações. No PPGCI-UNB, um dos mais antigos, registramos 179 documentos, correspondendo a 71 teses e 108 dissertações. Na UEL foram recuperados 34 dissertações. Apesar do doutorado no PPGCI-UFSC ter iniciado há mais de quatro anos, recuperamos apenas 66 dissertações, enquanto no PPGCI-UFF, identificamos 72 dissertações. Na UFMG foram encontrados 186 documentos, dentre eles 69 teses e 117 dissertações. Na UFRJ levantamos de 126 documentos, sendo 48 teses e 78 dissertações. Na UNESP, recuperamos 137 documentos, sendo 52 teses e 87 dissertações. Por fim, temos a USP com 78 documentos, dentre eles 25 teses e 53 dissertações.

Quadro 4 – Teses e dissertações dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação de 2012 a 2016

Ano	Instituições																																
	Regiões																																
	Nordeste						Centro- oeste						Sul						Sudeste														
	UFPB			UFPE			UFBA			UNB			UEL			UFSC			UFF			UFMG			UFRJ			UNESP			USP		
	T	D	QT	T	D	QT	T	D	QT	T	D	QT	T	D	QT	T	D	QT	T	D	QT	T	D	QT	T	D	TQ	T	D	QT			
2012	-	20	20	-	8	8	1	11	12	10	19	29	-	-	-	-	13	13	-	14	14	12	15	27	1	20	21	9	19	28	3	7	10
2013	-	16	16	-	10	10	1	13	14	17	24	41	-	-	-	-	8	8	-	16	16	20	23	43	12	19	31	12	19	31	3	16	19
2014	-	29	29	-	16	16	3	12	15	6	21	27	-	13	13	-	16	16	-	16	16	12	25	37	13	14	27	20	15	35	7	11	18
2015	2	23	25	-	20	20	2	24	26	22	23	45	-	18	18	-	15	15	-	14	14	11	29	40	13	13	26	7	17	24	10	13	23
2016	9	20	29	-	18	18	8	37	45	16	21	37	-	3	3	-	14	14	-	12	12	14	25	39	9	12	21	4	17	21	2	6	8
Total	11	108	119	-	72	72	15	97	112	71	108	179	-	34	34	-	66	66	-	72	72	69	117	186	48	78	126	52	87	139	25	53	78

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Legenda:

T: Teses

D: Dissertações

QT: Quantitativo total de documentos

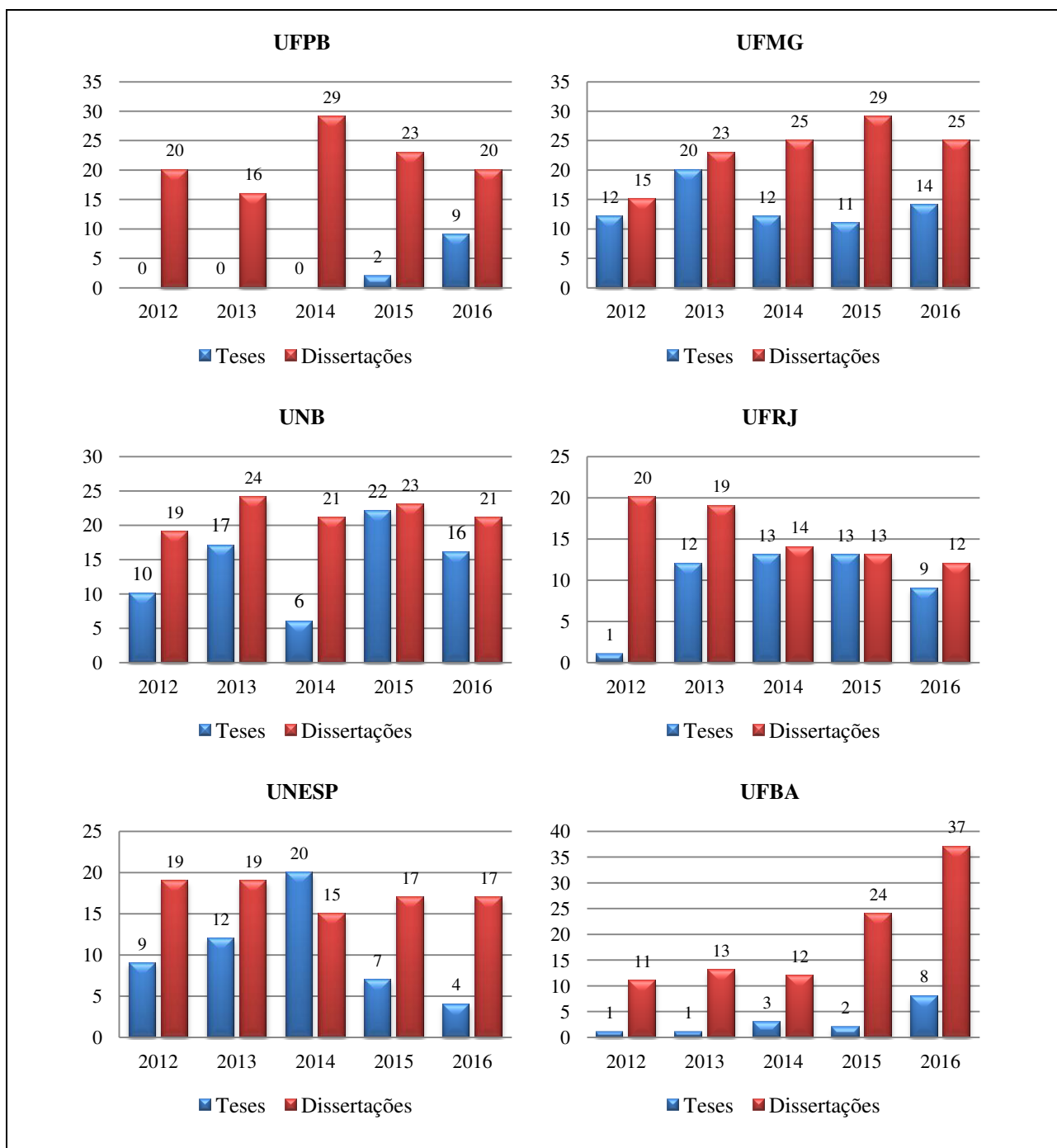
Por meio dos gráficos retratados a seguir, tornou-se possível construir um panorama quantitativo da produção em Ciência da Informação no Brasil.

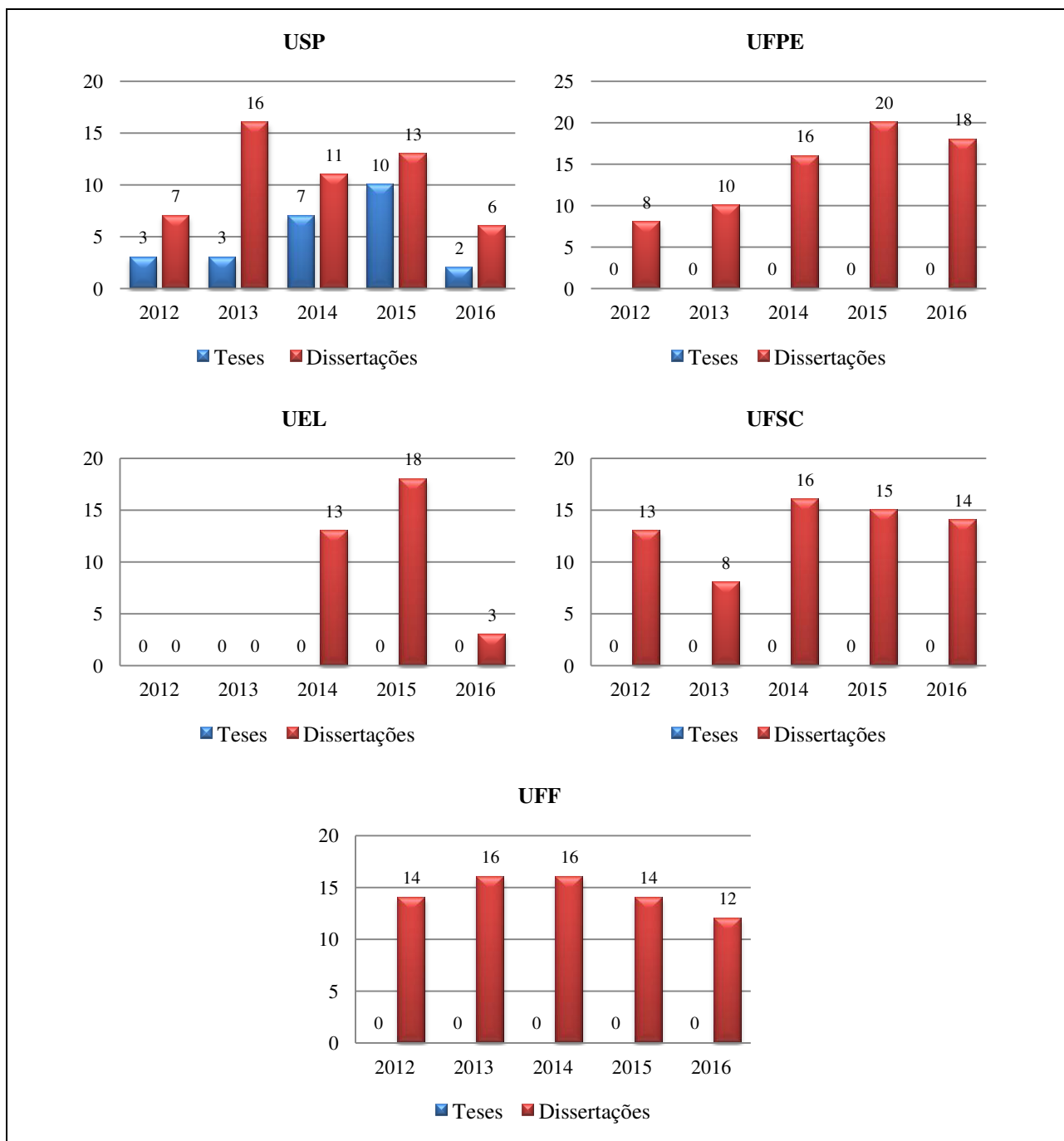
O Gráfico 1 retrata o panorama quantitativo da produção em Ciência da Informação no Brasil.

Podemos visualizar que o maior número de produção de dissertações no PPGCI-UFPB ocorreu no ano de 2014 (29), enquanto no PPGCI-UFMG, o maior número de defesas aconteceu em 2015. O PPGCI-UNB, manteve um ritmo constante, não se verificando oscilações, enquanto no PPGCI-UFRJ-IBICT, notamos um decréscimo no número de defesas. O PPGCI-UNESP apresenta singelas oscilações, e em contrapartida, o PPGCI-UFBA, apresenta uma curva ascendente no número de dissertações defendidas. Os PPGCIs da USP, UFSC e UFF, apresentam declínio, enquanto os PPGCIs da UEL e da UFPE, tiveram seu pico de defesas em 2015.

Quanto às teses, em comparação com a quantidade de dissertações, constatamos um número infinitamente inferior, destacando-se em número de teses defendidas o PPGCI-UNESP e o PPGCI-UNB.

Gráfico 1 - Produção em Ciência da Informação no Brasil – 2012 a 2016





Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

6.1.2 Produção de teses e dissertações por região

A produção de teses e dissertações apresenta um crescimento no período analisado. À medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, foi possível traçar um panorama das teses e dissertações, separadas por região, identificando com isso a região e o PPGCI que se apresenta

como mais produtivo, ou seja, aquele que detem o maior número de teses e dissertações defendidas.

Observando-se o Quadro 5 fica explícito que a região sudeste apresenta-se como sendo a mais produtiva (é válido frisar que esta região possui cinco programas de pós-graduação em Ciência da Informação), uma vez que recuperamos o total de 601 documentos, dentre eles 194 teses e 407 dissertações, o que corresponde 50,8% das teses e dissertações produzidas no período delimitado.

Na sequência, destacamos a região nordeste, que conta com três programas de pós-graduação, sendo três mestrados e dois doutorados, e que possui 303 documentos recuperados, sendo apenas 26 teses e 277 dissertações.

Em terceiro lugar temos a região centro-oeste detentora de apenas um programa de pós-graduação, mas que possui um número considerável de documentos, (179), sendo 71 teses e 108 dissertações.

Por último temos a região sul, que possui dois programas de pós-graduação em Ciência da Informação, com o correspondente a 100 documentos documentos, sendo todos dissertações, visto que a UEL apenas oferece o curso de mestrado. Apesar da UFCS ofertar o curso de doutorado, até o ano de 2016 não há registros de defesas de teses.

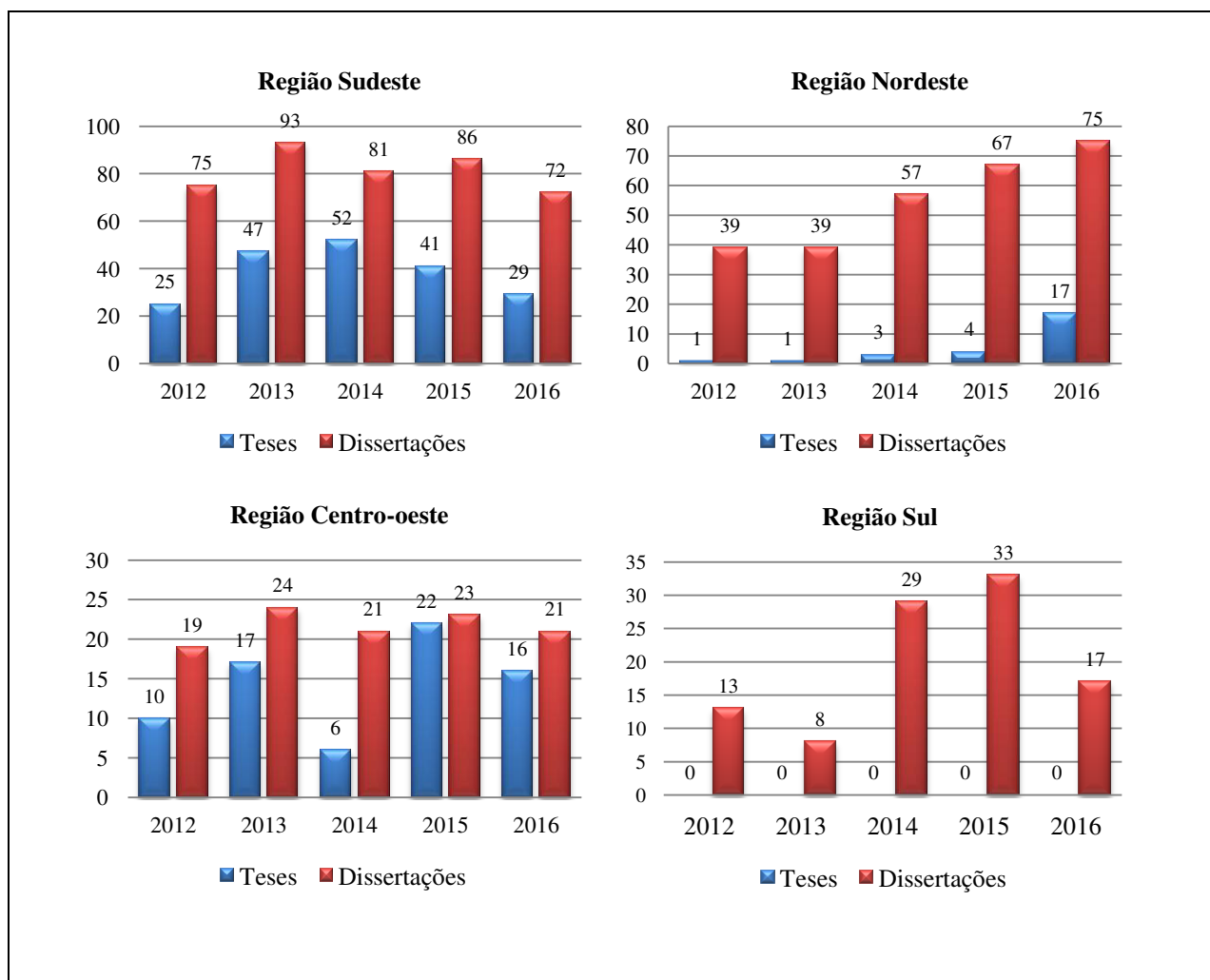
Quadro 5 – Quantitativo da produção em Ciência da Informação por regiões brasileiras

Ano	Quantitativo de documentos recuperados por regiões.											
	Nordeste			Centro-oeste			Sul			Sudeste		
	Teses	Dissertações	Total	Teses	Dissertações	Total	Teses	Dissertações	Total	Teses	Dissertações	Total
2012	1	39	40	10	19	29	-	13	13	25	75	100
2013	1	39	40	17	24	41	-	8	8	47	93	140
2014	3	57	60	6	21	27	-	29	29	52	81	133
2015	4	67	71	22	23	45	-	33	33	41	86	127
2016	17	75	92	16	21	37	-	17	17	29	72	101
Total	26	277	303	71	108	179	-	100	100	194	407	601

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

O Gráfico 2 apresenta o resultado das teses e dissertações de acordo com as regiões. De acordo com os resultados, podemos afirmar que a região sudeste, além de possuir o maior número de programas de pós-graduação, produziu 52,3% da produção científica de teses e dissertações, sendo secundado pela região nordeste, que gerou 23%, a região centro-oeste (16,4%) e a região sul (8,3%), respectivamente.

Gráfico 2 - Produção de teses e dissertações por região



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

6.2 Temáticas das Teses e Dissertações

As temáticas das teses e dissertações foram analisadas e classificadas de acordo com as ementas dos Grupos de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Esta Associação constitui uma sociedade civil, cuja finalidade é acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Desde sua criação se projeta como uma instância de representação científica e política, importante para o debate das questões pertinentes à área de informação (Quadro 6).

Quadro 6 – Ementas dos Grupos de Trabalho da ANCIB.

Grupos de Trabalho da ANCIB	
GT's	Ementas
GT 01 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Constituição do campo científico e questões epistemológicas e históricas da Ciência da Informação e seu objeto de estudo - a informação. Reflexões e discussões sobre a disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, assim como a construção do conhecimento na área.
GT 02 - Organização e Representação do Conhecimento	Teorias, metodologias e práticas relacionadas à organização e preservação de documentos e da informação, enquanto conhecimento registrado e socializado, em ambiências informacionais tais como: arquivos, museus, bibliotecas e congêneres. Compreende, também, os estudos relacionados aos processos, produtos e instrumentos de representação do conhecimento (aqui incluindo o uso das tecnologias da informação) e as relações inter e transdisciplinares neles verificadas, além de aspectos relacionados às políticas de organização e preservação da memória institucional.
GT 03 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	Estudo dos processos e das relações entre mediação, circulação e apropriação de informações, em diferentes contextos e tempos históricos, considerados em sua complexidade, dinamismo e abrangência, bem como relacionados à construção e ao avanço do campo científico da Ciência da Informação, compreendido em dimensões inter e transdisciplinares, envolvendo múltiplos saberes e temáticas, bem com contribuições teórico-metodológicas diversificadas em sua constituição.
GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão de ambientes, sistemas, unidades, serviços, produtos de informação e recursos informacionais. Estudos de fluxos, processos, uso e usuários da informação como instrumentos de gestão. Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional no contexto da Ciência da Informação. Marketing da informação, monitoramento ambiental e inteligência competitiva. Estudos de redes para a gestão. Aplicação das tecnologias de informação e comunicação à gestão da informação e do conhecimento.
GT 05 - Política e Economia da Informação	Políticas e regimes de informação. Informação, Estado e governo. Propriedade intelectual. Acesso à informação. Economia política da informação e da comunicação. Produção colaborativa. Poder, ativismo e cidadania. Conhecimento, aprendizagem e inovação. Ética da informação. Informação e ecologia.
GT 06 - Informação, Educação e Trabalho	Campo de trabalho informacional: atores, cenários, competências e habilidades requeridas. Organização, processos e relações de trabalho em unidades de informação. Sociedade do Conhecimento, tecnologia e trabalho. Saúde, mercado de trabalho e ética nas profissões da informação. Perfis de educação no campo informacional. Formação profissional: limites, campos disciplinares envolvidos, paradigmas educacionais predominantes e estudo comparado de modelos curriculares. O trabalho informacional como campo de pesquisas: abordagens e metodologias.
GT 07 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação	Estudos teóricos, aplicados e metodológicos sobre a produção, comunicação e uso da informação em Ciência, Tecnologia e Inovação. Inclui pesquisas relacionadas aos processos de comunicação, divulgação, análise e formulação de indicadores para planejamento, avaliação e gestão em CT&I.
GT 08 - Informação e Tecnologia	Estudos e pesquisas teórico-práticos sobre e para o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação que envolvam os processos de geração, representação, armazenamento, recuperação, disseminação, uso, gestão, segurança e preservação da informação em ambientes digitais.
GT 09 - Museu, Patrimônio e Informação	Análise das relações entre o Museu (fenômeno cultural), o Patrimônio (valor simbólico) e a Informação (processo), sob múltiplas perspectivas teóricas e

	práticas de análise. Museu, patrimônio e informação: interações e representações. Patrimônio musealizado: aspectos informacionais e comunicacionais.
GT 10 - Informação e Memória	Estudos sobre a relação entre os campos de conhecimento da Ciência da Informação e da Memória Social. Pesquisas transdisciplinares que envolvem conceitos, teorias e práticas do binômio ‘informação e memória’. Memória coletiva, coleções e colecionismo, discurso e memória. Representações sociais e conhecimento. Articulação entre arte, cultura, tecnologia, informação e memória, através de seus referenciais, na contemporaneidade. Preservação e virtualização da memória social.
GT 11 - Informação & Saúde	Estudos das teorias, métodos, estruturas e processos informacionais, em diferentes contextos da saúde, considerada em sua abrangência e complexidade. Impacto da informação, tecnologias, e inovação em saúde. Informação nas organizações de saúde. Informação, saúde e sociedade. Políticas de informação em saúde. Formação e capacitação em informação em saúde.

Fonte: ANCIB, 2017. Disponível em: < <http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-01>>.

Além das temáticas dos GT's da ANCIB, sentimos a necessidade de criar mais duas áreas, visto que Biblioteconomia e Arquivologia, não se encontravam contempladas nos GTs. Justificamos a inclusão em virtude do número considerável de documentos referentes a essas duas áreas.

As temáticas seguiram a seguinte sequência:

1. Arquivologia.
2. Biblioteconomia.
3. Estudos históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação.
4. Gestão da Informação e do Conhecimento.
5. Informação e Saúde.
6. Informação e Memória.
7. Informação e Tecnologia.
8. Informação, Educação e Trabalho.
9. Mediação, Circulação e Apropriação da Informação.
10. Museu, Patrimônio e Informação.
11. Organização e Representação do Conhecimento.
12. Política e economia da Informação.
13. Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação.

O Quadro 7 demonstra as temáticas e o número de produção por PPGCI. Neste Quadro podemos verificar que a área de Gestão da Informação e do Conhecimento atingiu o mais elevado patamar, atingindo 301 documentos, tendo as maiores incidências nos PPGCIs da UFMG e da

UFPB. Organização e Representação do Conhecimento é o assunto mais explorado nos PPGCIs da UNB, UFMG e da UNESP. No total, identificamos 303 documentos voltados para esse assunto. Informação e Tecnologia tem grande penetração nos PPGCIs da UFMG, da UNESP e da UNB, computando-se o total de 138 documentos. Constatamos que Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação tem seu ponto forte no PPGCI UFRJ-IBICT, onde identificamos 131 teses e dissertações dedicadas à essa área.

Em contrapartida, identificamos como assuntos menos explorados Informação em Saúde (5), Arquivologia, Biblioteconomia e Museu, Patrimônio e Informação (10) cada.

Quadro 7 – Teses e dissertações por temáticas e por PPGCI

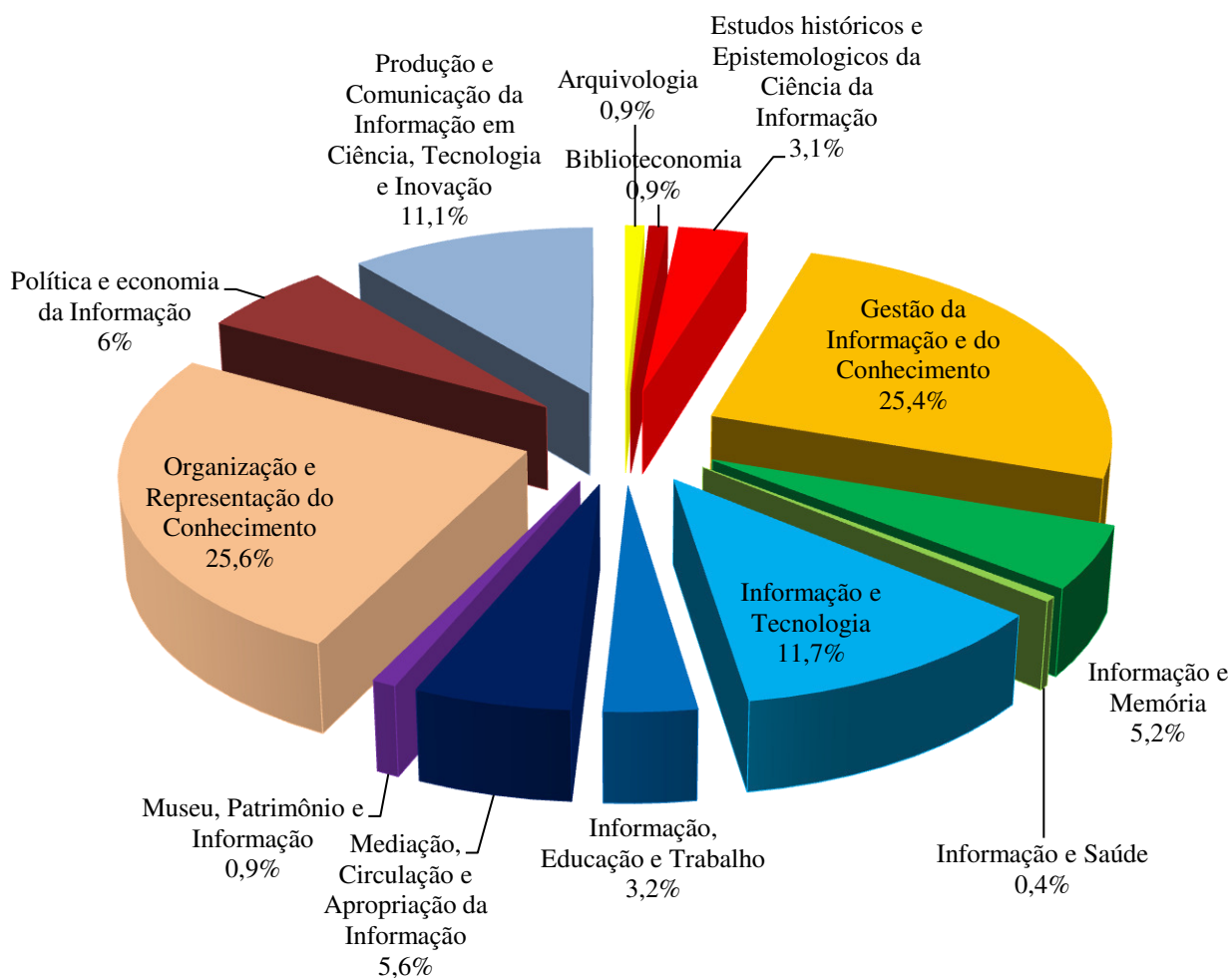
Temáticas da área de Ciência da Informação	Quantitativo de documentos											
	Regiões											
	Nordeste			Centro-Oeste	Sul		Sudeste					TOTAL
	UFPB	UFPE	UFBA	UNB	UEL	UFSC	UFF	UFMG	UFRJ	UNESP	USP	
Arquivologia	1	1	-	3	2	1	-	-	-	1	1	10
Biblioteconomia	-	-	-	5	-	1	-	4	-	-	-	10
Estudos históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	2	5	4	2	1	1	2	7	7	3	3	37
Gestão da Informação e do Conhecimento	42	8	26	58	6	23	13	60	26	31	8	301
Informação e Memória	18	15	1	6	1	-	1	8	4	6	2	62
Informação e Saúde	-	-	-	1	-	-	-	1	3	-	-	5
Informação e Tecnologia	13	3	17	35	3	3	6	8	19	23	8	138
Informação, Educação e Trabalho	2	-	7	3	-	4	5	8	4	4	2	39
Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	3	1	17	4	4	1	5	6	3	7	15	66
Museu, Patrimônio e Informação	-	-	-	1	-	1	-	2	3	1	2	10
Organização e Representação do Conhecimento	14	21	20	48	14	13	23	50	25	49	26	303
Política e economia da Informação	17	8	10	3	-	3	9	10	9	1	1	71
Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação	7	10	10	10	3	15	8	22	23	13	10	131
TOTAL	119	72	112	179	34	66	72	186	126	139	78	1183

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

6.2.1 Temáticas das teses e dissertações a nível nacional

Buscando traçar o panorama nacional das teses e dissertações, demonstramos na Gráfico 3 o percentual de cada temática. Dessa forma, podemos verificar que os maiores índices recaem na área Gestão da Informação e do Conhecimento, representa 25,4% do total de documentos, seguindo-se Organização e Representação do Conhecimento, com 25,6%, Informação e Tecnologia, com 11,7%, e os menores, Informação e Saúde, Biblioteconomia, Arquivologia e Museu, Patrimônio e Informação (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Percentual das temáticas pesquisadas



Fonte: Dados da pesquisa, 2017

6.2.2 Temáticas das teses e dissertações por região

Apresentamos no Quadro 8 as dissertações e teses por temática e por região.

Quadro 8 – Produção de teses e dissertações por tema e por região

Temáticas da Ciência da Informação	Regiões				
	Nordeste	Centro-oeste	Sul	Sudeste	Total
Arquivologia	2	3	3	2	10
Biblioteconomia	-	5	1	4	10
Estudos históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	11	2	2	22	37
Gestão da Informação e do Conhecimento	76	58	29	138	301
Informação e Memória	34	6	1	21	62
Informação e Saúde	-	1	-	4	5
Informação e Tecnologia	33	35	6	64	138
Informação, Educação e Trabalho	9	3	4	23	39
Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	21	4	5	36	66
Museu, Patrimônio e Informação	-	1	1	8	10
Organização e Representação do Conhecimento	55	48	27	173	303
Política e economia da Informação	35	3	3	30	71
Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação	27	10	18	76	131
TOTAL	303	179	100	601	1183

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

6.2.2.1 Temáticas das dissertações e teses - região sudeste

Mediante a análise do Quadro 8, verificamos que a região sudeste se apresenta com o maior números de teses e dissertações, isto é, 601 documentos recuperados.

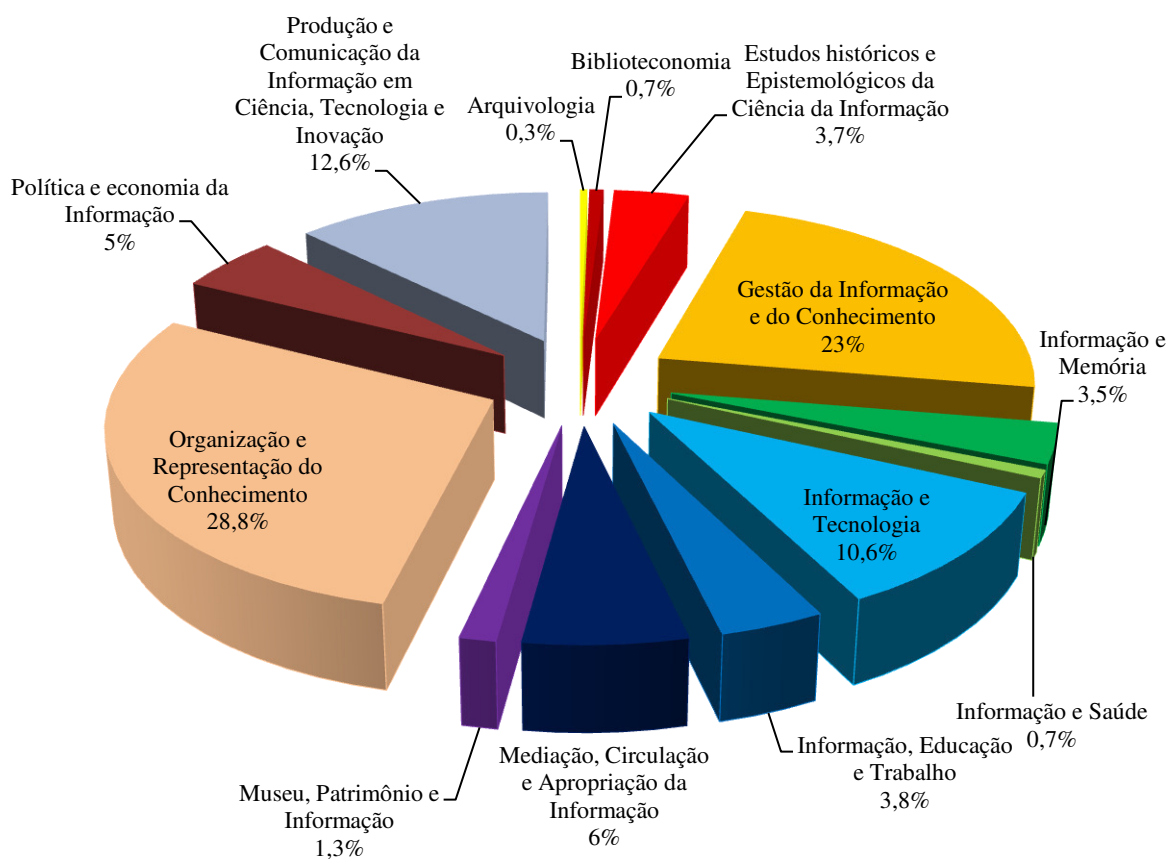
A temática Organização e Representação do Conhecimento tem a maior incidência, com percentual de 28,7% da produção, o correspondente a 173 documentos.

Na sequência, temos Gestão da Informação e do Conhecimento com 23%, totalizando 138 documentos. Em seguida identificamos Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação, com 13,6%, o que corresponde a 76 documentos.

Informação e tecnologia apresenta-se com 10,6% da produção, ficando na quarta posição, com 64 documentos recuperados. Em quinto lugar aparece a temática Mediação, Circulação e Apropriação da Informação com 6% da produção o equivalente a 36 documentos.

Por último, identificamos os menores percentuais relativos à Informação e Memória, com 21 documentos (3,5%), seguindo-se Museu, Patrimônio e Informação com oito documentos (1,4%), Biblioteconomia e Informação e Saúde, com quatro documentos (0,7%), Arquivologia apresenta-se com 0,3% da produção, o que corresponde a dois documentos recuperados. (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Percentual das temáticas das teses e dissertações - região sudeste

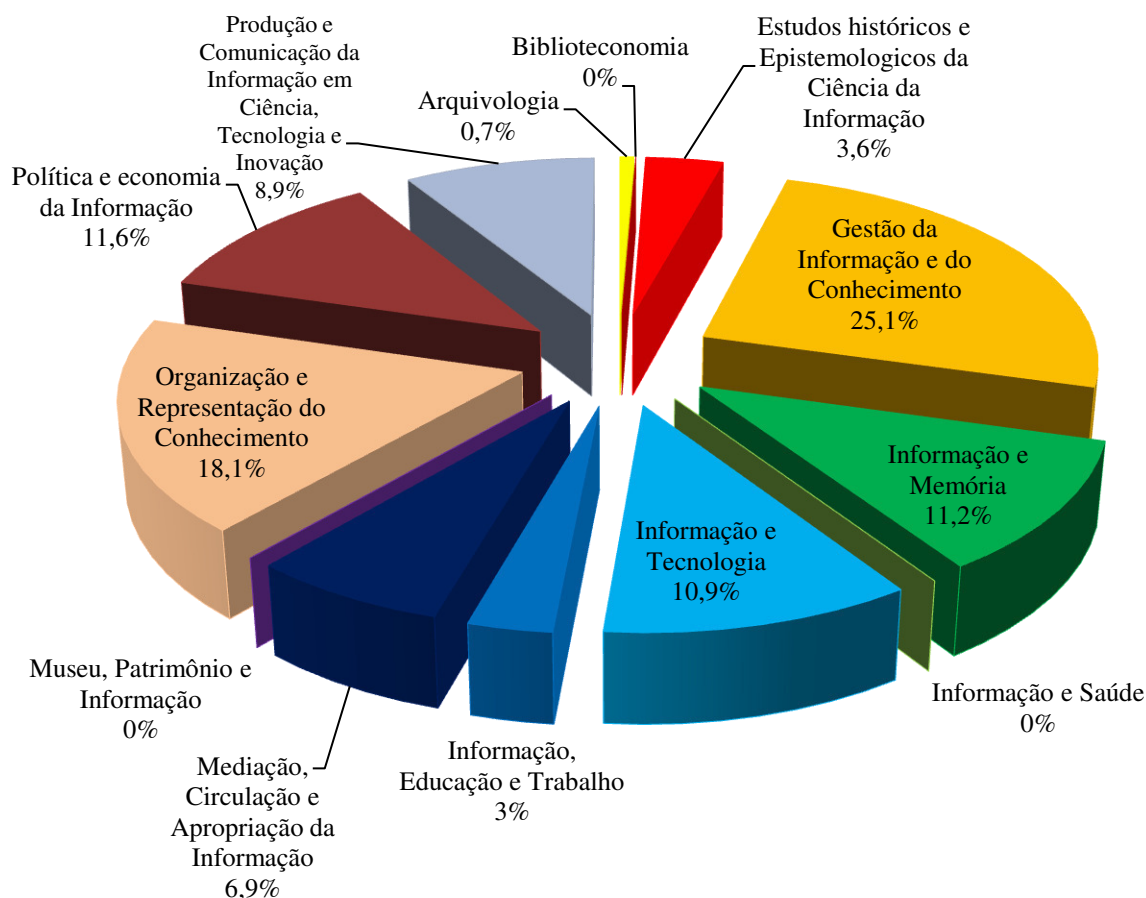


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

6.2.2.2 Temáticas das dissertações e teses - região nordeste

A região Nordeste apresenta-se em segundo lugar no panorama da produção em Ciência da Informação no Brasil, sendo responsável pela geração de 303 documentos no intervalo de 2012 a 2016.

Gráfico 5 – Percentual das temáticas das teses e dissertações - região nordeste



Fonte: Dados da pesquisa, 2107.

A análise do Gráfico 5 revela que a temática que produziu mais documentos foi Gestão da Informação e do Conhecimento, alcançando o percentual de 25,1%, com 76 documentos.

Em segundo lugar, Organização e Representação do Conhecimento, com 18,1% da produção, o que corresponde a 55 documentos. Em terceiro lugar, identificamos Política e economia da Informação, representando 11,6% da produção, correspondendo a 35 documentos.

Os menores índices se referem a Arquivologia com 0,7% da produção, com o total de dois documentos, e à Biblioteconomia, Informação e Saúde e Museu, Patrimônio e Informação, que não apresentaram nenhum documento.

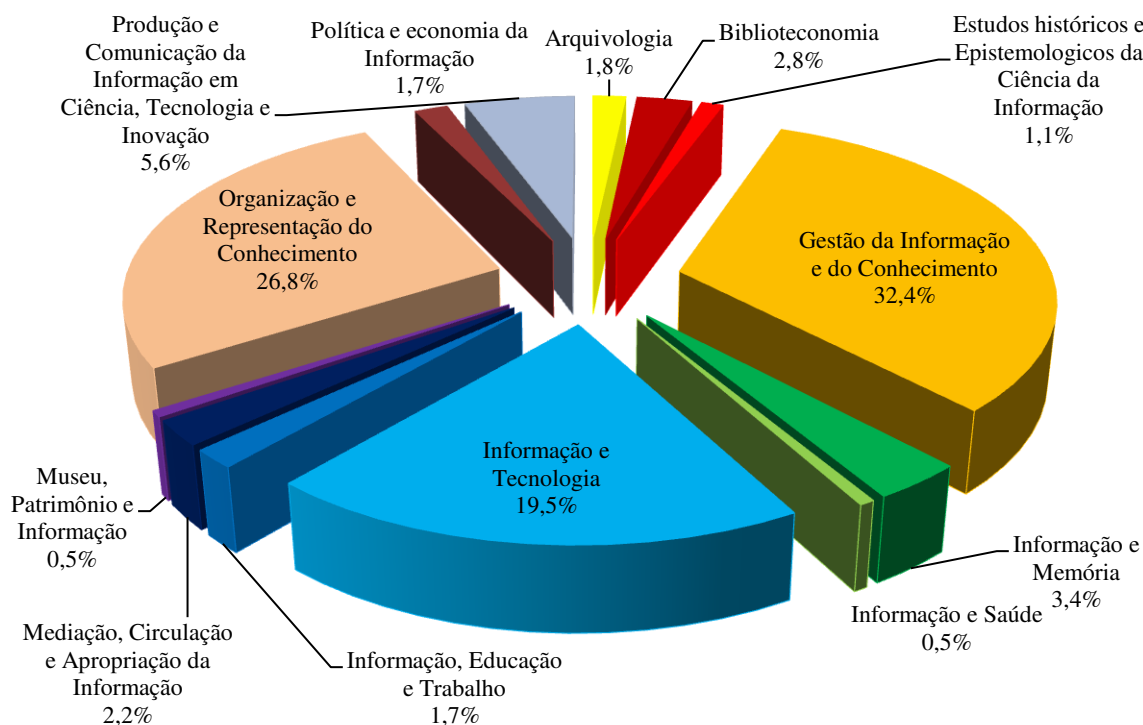
6.2.2.3 Temáticas das dissertações e teses - região centro-oeste

A análise do Gráfico 6, permite constatar que a temática Gestão da Informação e do Conhecimento é a mais pesquisada, visto que possui o percentual de 32,4% da produção da região, o que corresponde a 58 documentos.

Em segundo lugar temos a temática referente a Organização e Representação do Conhecimento com 26,8% da produção, com o quantitativo de 48 trabalhos. Em sequência apresenta-se em terceiro lugar com 19,5% a temática Informação e Tecnologia, com 35 documentos.

Detentoras da menor parte da produção da região centro-oeste temos a temática Estudos históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação com 1,1%, referente a dois documentos, e Museu, Patrimônio e Informação e Informação e Saúde com 0,5% referente a um documento.

Gráfico 6 – Percentual das temáticas das teses e dissertações - região centro-oeste



Fonte: Dados da pesquisa, 2017

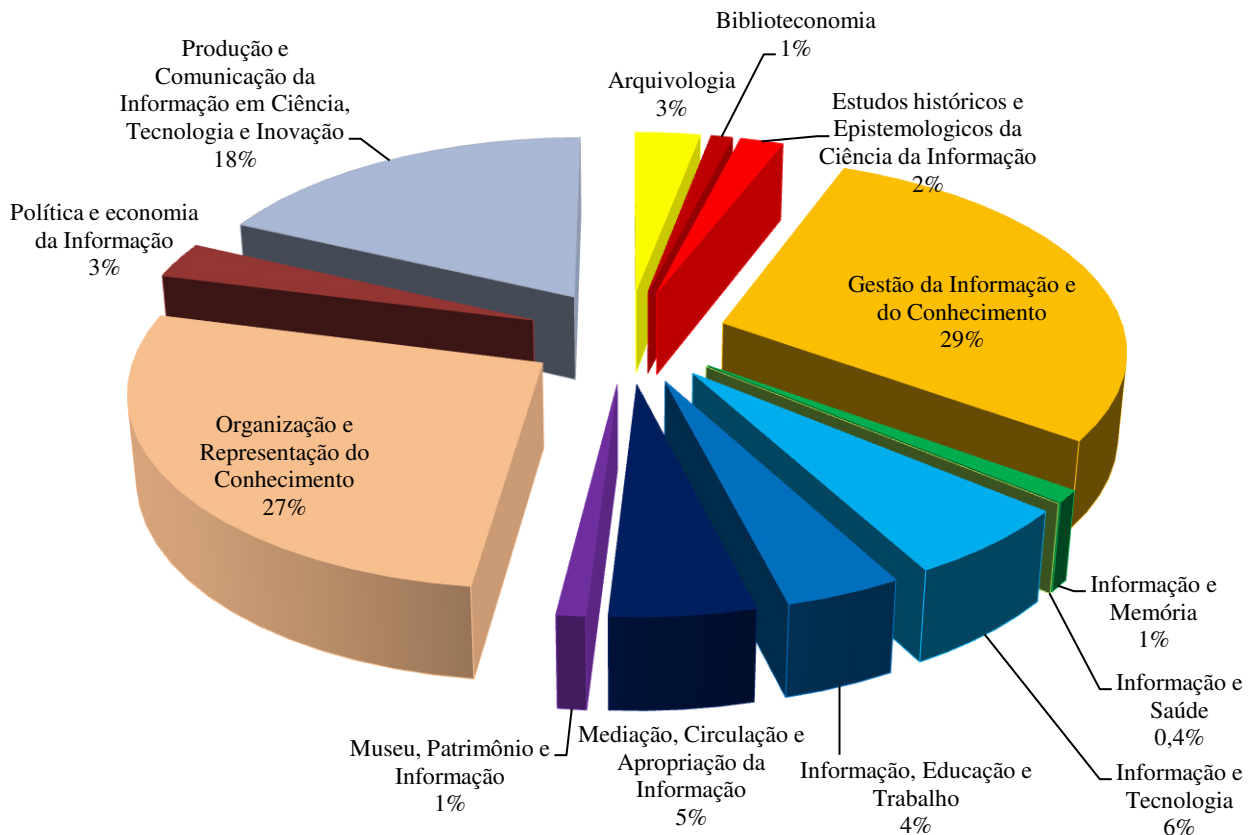
6.2.2.4 Temáticas das dissertações e teses - região sul

A região sul apresenta o menor número de documentos gerados (100). A análise do Gráfico 7 permite afirmar que a temática mais explorada, na região sul, é Gestão da Informação e do Conhecimento, responsável por 29% da produção total, com 29 documentos, respectivamente.

Em segundo lugar identificamos a Organização e Representação do Conhecimento, com 27% da produção (27 documentos), em sequência temos a temática Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação, com 18%, contando com 18 documentos.

No extremo, Biblioteconomia, Informação e Memória, e Museu, Patrimônio e Informação pontificam com apenas um documento, cada, correspondendo a 1% da produção. No tema Informação e Saúde não se recuperou nenhum documento.

Gráfico 7 – Percentual das temáticas das teses e dissertações - região sul



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais os objetivos propostos para esta pesquisa foram alcançados, como também conseguimos responder às questões norteadoras.

Com este trabalho foi possível fazer a recuperação de 1183 documentos, dentre eles 291 teses e 892 dissertações dos cursos de doutorado e de mestrado acadêmico dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil.

Respondendo à problemática de pesquisa, identificamos as temáticas Gestão da Informação e do Conhecimento como sendo a mais pesquisada em âmbito nacional, seguido da Organização e Representação da Informação. Ressaltamos que foi ínfima a diferença percentual entre as temáticas, apenas 0,2%. No sentido oposto, a temática Informação e Saúde atingiu o menor percentual, 0,4%.

Os resultados demonstram que a região sudeste como a detentora do maior número de teses e dissertações, (601) o que representa mais de 50% da produção total. Na sequência, desponta a região nordeste, com 303 documentos, seguido-se a região centro-oeste com 179, finalizando com a região sul, com a geração de 100 documentos.

Consideramos que as ementas utilizadas para categorizar as temáticas das teses e dissertações atenderam aos objetivos propostos pela pesquisa. De acordo com Teixeira (1997) e Noronha (2004), pode-se considerar que as dificuldades encontradas no processo de categorização das teses e escolha dos temas são naturais e peculiares da produção analisada.

Como em toda pesquisa, nos deparamos com alguns obstáculos e limitações. Consideramos válido revelar que encontramos dificuldade na coleta de dados tanto na BDTD quanto nas TEDE, as quais nem sempre disponibilizam informações atualizadas, fazendo-se necessário consultar, os repositórios institucionais, os portais dos PPGCIs e a Plataforma Sucupira, a fim de conseguirmos informações atualizadas.

Apesar das limitações, conseguimos, com os resultados encontrados, traçar um panorama dos temas mais e menos explorados pelos PPGCIs no período delimitado (2012-2016).

Embora reconheçamos que a presente pesquisa não se encontra concluída, temos como expectativa que os resultados alcançados venham revelar a tendência da pesquisa na área da Ciência da Informação. Esperamos, com as informações apresentadas, trazer contribuições para que outras pesquisas surjam, no intuito de explorar o universo do que se produz nos PPGCIs.

Por fim, ressaltamos que há muito o que pesquisar sobre as teses e dissertações geradas nos PPGCs, uma vez que contemplamos apenas os programas acadêmicos. Abre-se, portanto, a possibilidade de explorar os mestrados profissionais, a fim de revelar o que vem sendo produzido por esses programas. Vislumbramos, assim, a perspectiva de um tema para um futuro mestrado.

REFERÊNCIAS

ALBERANI, Vilma; CASTRO, Paola de. Grey literature: from the York Seminar (UK) of 1978 to the year 2000. **Inspel**, v.35, p. 236-247, 2001.

ALMEIDA, Maria do Rosário Guimarães. **Comunicação e pesquisa da literatura cinzenta na GreyNet**. Disponível em: <www.dci.ibict.br/archive/00000761/01/T115.pdf>

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**, v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16/5>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila et al. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, p. 192-204, 2009. Disponível em: <<http://www.ndltd.org/about>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ANCIB. **Ementas dos grupos de trabalho da ANCIB**. 2017. Disponível em: <<http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-01>>. Acesso em: 01 maio 2017.

AUTRAN, Marynice Medeiros Matos; BORGES, Maria Manuel. Comunicação da ciência: (r)evolução ou crise? **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, jun. 2014. p.122-138. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/621/1261>>. Acesso em: 01 maio 2017.

_____. **Comunicação da ciência, produção científica e rede de colaboração acadêmica: análise dos Programas brasileiros de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. 407p. 2015. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) - Faculdade de Letras: Universidade do Porto. Porto, 2015. Disponível em: <<https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/78055/2/109808.pdf>>

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1esp, p. 1-12, 2010. DOI: 10. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/6585/6761>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Encontros científicos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CEDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 55-71

Carvalho, E. M. R. La literatura gris y su contribución a la sociedad del conocimiento. In **Proceedings of the 67th IFLA Council and General Conference**, 2001. Retrieved from <http://www.ifla.org/>

COSTA, Sely Maria de Souza; KURAMOTO, Hélio; LEITE, Fernando César Lima. **Acesso Aberto no Brasil: aspectos históricos, ações institucionais e panorama atual**. 2013. Disponível em:

<<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14848/1/Cap%C3%ADulo%20Costa%20e%20Leite%202013.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

FRIEND, Frederick. From toll access to Open Access: The concept and evolution of new models for research communication. In: RODRIGUES, Eloy; SWAN, Alma; BAPTISTA, Ana Alice.

Uma década de Acesso Aberto na UMinho e no mundo. Palmeira BRAGA – Portugal: Publito, 2013. p. 15-24. Disponível em:

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/26144/3/RepositoriUM_10anos.pdf>. Acesso em: 01 maio 2017.

FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira; NORONHA, Daisy Pires. Literatura Cinzenta: canais de distribuição e incidência nas bases de dados. In: **POBLACION**, Dinah A.; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. Comunicação & Produção científica: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. p. 215 -231.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. ISBN 85-224-3169-8.

HURD, M. Julie. The transformation of scientific communication: A model for 2020. **Journal of the Association for Information Science and Technology**. October 2000. Disponível em:

<[http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1097-4571\(2000\)9999:9999%3C::AID-ASII044%3E3.0.CO;2-1/abstract](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1097-4571(2000)9999:9999%3C::AID-ASII044%3E3.0.CO;2-1/abstract)>. Acesso em: 09 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Boas práticas para a construção de repositórios institucionais da produção científica**. Brasília: Ibict, 2012. 34 p. Disponível em:

<<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/703/1/Boas%20pr%C3%A1ticas%20para%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20reposit%C3%B3rios%20institucionais%20da%20produ%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

_____. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. [Sl.]: IBICT, 2017. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/Contents/Home?section=what>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

_____. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**. [Sl.]: IBICT, 2015. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

_____. **Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE)**. [Sl.]: IBICT, 2015. Disponível em: <[http://www.ibict.br/pesquisa-desenvolvimento-tecnologico-e-inovacao/sistema-eletronico-de-teses-e-dissertacoes\(tede\)](http://www.ibict.br/pesquisa-desenvolvimento-tecnologico-e-inovacao/sistema-eletronico-de-teses-e-dissertacoes(tede))>. Acesso em: 02 nov. 2015.

KOBASHI, Nair Yumiko; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Arqueologia do trabalho imaterial: uma aplicação bibliométrica à análise de dissertações e teses. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, número

especial, 1º sem. 2008. P. 106-115. Disponível em:
<<https://www.ufpe.br/ppgci/images/publicacoesdocentes/raimundo/encbiblio.pdf>>. Acesso em:
09 jun. 2017.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 125 p. ISBN 85-85637-23-4.

LEITE, Fernando César Lima. **Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira**: repositórios institucionais de acesso aberto. Brasília: Ibict, 2009. 120 p., 23 cm. ISBN 978-85-7013-067-9. Disponível em:
<<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=Q6CyB8PhRH4C&oi=fnd&pg=PA94&dq=reposit%C3%B3rios+institucionais&ots=wiq7AC2BK&sig=qQS183qybL0UVikfwrJh5kido5M#v=onepage&q=reposit%C3%B3rios%20institucionais&f=false>>. Acesso em : 09 abr. 2017

LOURENÇO, C. V. Automação em bibliotecas: análise da produção. *Biblioinfo* (1986-1994). In: WITTER, G. P. (Org.). **Produção científica**. Campinas: Alínea, 1997.

MARANHÃO, Ana Maria Neves et al. **Acesso aberto ao conhecimento científico**. 2016. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/14038>>. Acesso em : 03 abr. 2017.

MARTELETO, Regina Maria. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, número especial, p. 19-40, 2009. Disponível em:
<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/915/605>>. Acesso em : 03 abr. 2017.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268 p. ISBN 85-85637-15-3.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O crescimento da ciência, o comportamento científico e a comunicação científica: algumas reflexões. **REB UFMG**, v. 24, n. 1, p. 63-101, 2009. Disponível em:
<<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000002743/90cb923529ffdf2d8e5f056a26e1cb7a>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

Nelles, P. Dissemination of knowledge. In *Encyclopedia of the Early Modern World: Europe, 1450 to 1789* (pp. v. 2, 153–155). Charles Scribner's Sons, 2004.

Oliveira, D. **A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas**. UFMG. 2011.

Oliveira, D., & Oliveira, M. A formação docente da Biblioteconomia e Ciência da Informação : um retrato dos cursos e programas de pós- graduação no Brasil. In **ICICT** (Ed.), *XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB* (p. 19). Rio de Janeiro: ANCIB, 2012.

PLATAFORMA SUCUPIRA. Capes. **Quantitativo dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil**. 2017. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoLes.jsf?areaAvaliacao=31&areaConhecimento=60700009>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

_____. Capes. **Produções intelectuais dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil**. 2017. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/producaoIntellectual/listaProducaoIntellectual.jsf?jsessionid=yRyqdHJZfRsj6eCjM0ehsBf8.sucupira-203>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

Población, D A et al. Evolução do perfil do corpo docente dos programas de pós-graduação em ciência da informação. In: Anais do XIII SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.; 13, Natal, 2004. **Anais...** Natal:UFRN, 2004

Rodrigues, E., & Saraiva, R. **RepositóriUM: 10 anos de acesso aberto ao conhecimento**. In E. Rodrigues, A. Swan, & A. A. Baptista (Eds.), *Uma Década de Acesso Aberto na UMinho e no Mundo* (pp. 25–47). Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2013. Retrieved from http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/27502/1/RepositoriUM_10anos.pdf

Santos, C. Os **Primeiros Passos da Pós-Graduação no Brasil: A Questão da Dependência**. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, 2002, 10(37), 479–492.

_____. **Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil**. 2008. Retrieved from http://www.nacional.edu.br/grupodeestudos/docs/historia_posgraduacao_brasil.pdf

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil**. Simon Schwartzman, 2001. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KZxNmE-OVBgC&oi=fnd&pg=PA1&dq=comunidade+cient%C3%ADfica&ots=BMjkPGcWVI&sig=egdYrW0bw98RMcuZjvIyYt88c_w#v=onepage&q=comunidade%20cient%C3%ADfica&f=false>. Acesso em: 14 abr. 2017.

SILVA, Edna Lúcia da; PINHEIRO, Liliane Vieira. A produção do conhecimento em Ciência da Informação no Brasil: uma análise a partir dos artigos científicos publicados na área. **Intexto**, n. 19, p. 1-24, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/7997>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

SILVA, Márcia Regina da; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 1, p. 110-129, 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/gg/Downloads/42337-50535-1-PB.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2017.

Swan, Alma. **The business of digital repositories**. IN: Weenink, Kasja; Waaijers, Leo; van Godtsenhoven, Karen (eds.) *A DRIVER's Guide to European Repositories* (Amsterdam, 2007). Amsterdam University Press, 2008.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326/248>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

VECHIATO, Fernando Luiz. Dos primórdios da Ciência da Informação à busca incessante pela sociedade do conhecimento. **Informação e Informação**, v. 16, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/gg/Downloads/8893-32371-1-PB.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

Ziman, J. M. **Conhecimento Público**. EDUSP, 1979.